

Dizimar durante uma crise

06

O DIA DOS ÚLTIMOS
CRISTÃOS
O Sábado no Apocalipse.

15

OS ASSUNTOS PÚBLICOS DA
IGREJA – PARTE II
Saiba mais.

31

O ELLEN G. WHITE ESTATE
Um legado fundamental.



PUBLICADORA SERVIR
MARÇO 2021
N. 886 | ANO 82 | €1,90

3^o Discípulo

Vem e Segue-me

"Eis que cedo venho." A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-Lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

DIRETOR **António Amorim**

DIRETORA DE REDAÇÃO **Lara Figueiredo**

COORDENADOR EDITORIAL **Paulo Lima**

E-MAIL revista.adventista@pservir.pt

COLABORADORES DE REDAÇÃO **Manuel Ferro**

DESIGN GRÁFICO **Rita Mendes Sadio**

DIAGRAMAÇÃO **Joana Areosa**

ILUSTRAÇÕES DA REVISTA © **Adobe Stock**

PROPRIETÁRIA E EDITORA **PUBLICADORA SERVIR, S. A.**

DIRETOR-GERAL **Artur Guimarães**

SEDE E ADMINISTRAÇÃO **Rua da Serra, 1 – Sabugo
2715-398 Almagem do Bispo | 21 962 62 00**

CONTROLO DE ASSINANTES
assinaturas@pservir.pt | 21 962 62 19

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

MDI – Design e Impressão, V. N. Famalicão

TIRAGEM **1000 exemplares**

DEPÓSITO LEGAL **Nº 1834/83**

PREÇO NÚMERO AVULSO **1,90€**

ASSINATURA ANUAL **19,00€**

ISENTO DE INSCRIÇÃO NO E. R. C.

DR 8/99 ARTº 12º Nº 1A ISSN 1646-1886

São bem-vindos todos os manuscritos, solicitados ou não, cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e a morada do autor bem como o contacto telefónico. Não se devolvem originais, mesmo não publicados.

Não é permitida a reprodução total ou parcial do conteúdo desta revista, ou a sua cópia transmitida, transcrita, armazenada num sistema de recuperação, ou traduzida para qualquer linguagem humana ou de computador, sob qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico, manual, fotocópia ou outro, ou divulgado a terceiros, sem autorização prévia por escrito dos editores.

 **Igreja Adventista
do Sétimo Dia**

A Revista Adventista, Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora ServVir, S. A..

março

D	S	T	Q	Q	S	S
28	[1]	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	[29]	30	31	1	2	3

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

05-07 PROGRAMA PARA CASAIS PASTORAIS

06 DIA DE ORAÇÃO DA MULHER

07 CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

14 SAL

20 DIA GLOBAL DA CRIANÇA E DA JUVENTUDE

20-27 SEMANA DE ORAÇÃO DE JOVENS

28 ASSEMBLEIA-GERAL AJA

31-4/4 ACAMPAMENTO INTER-CLUBES

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

1-5 UNIÃO BÚLGARA (BGU)

8-12 ASSOCIAÇÃO DA TRANSILVÂNIA DO NORTE (ROU)

15-19 ASSOCIAÇÃO DA TRANSILVÂNIA DO SUL (ROU)

22-26 ASSOCIAÇÃO DA MOLDAVIA (ROU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[1] SEGUNDA-FEIRA

[29] SEGUNDA-FEIRA

abril

D	S	T	Q	Q	S	S
28	29	30	31	1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	[19]	20	21	22	23	24
[25]	26	27	28	29	30	1

DIAS ESPECIAIS E OFERTAS

02-04 CAMPANHA O DESEJADO I (NTP) / ENCONTRO NACIONAL DA REDE NEWSTART

03 DIA DE JEJUM E ORAÇÃO

10 DIA DOS AMIGOS DA ESCOLA SABATINA / FORMAÇÃO PARA DIRETORES DE MORDOMIA (ZOOM)

11 CONCERTO SOLIDÁRIO ADRA

17 DIA DA EDUCAÇÃO

18 SAL

23-25 FORMAÇÃO SOBRE DEPENDÊNCIAS (SAÚDE&TEMPERANÇA/ MIN. MULHER/M. FAMÍLIA)

24 DIA DAS NECESSIDADES ESPECIAIS

30-2/5 ENCONTRO DE CASAIS (CONTINENTE)

COMUNIDADE DE ORAÇÃO

29/3-2 ASSOCIAÇÃO DA SUÍÇA FRANCO-ITALIANA (SWU)

5-9 ESCRITÓRIOS NACIONAIS DA ADRA (EUD)

12-16 REUNIÃO DE PRIMAVERA DA CONFERÊNCIA GERAL (GC)

19-23 UNIVERSIDADE ADVENTISTA DE COLLONGES, EM FRANÇA (EUD)

26-30 UNIÃO AUSTRIACA (ATU)

[FH] FÉ DOS HOMENS

[19] SEGUNDA-FEIRA

[C] CAMINHOS

[25] DOMINGO

[FH] RTP2 ENTRE AS 15:00 E AS 15:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 22:47

[C] RTP2 ENTRE AS 10:00 E AS 10:30 | ANTENA 1 A PARTIR DAS 06:00

ESTES HORÁRIOS DE EMISSÃO PODEM SER ALTERADOS PELA RTP2 SEM AVISO PRÉVIO.

04

EDITORIAL

"Há maior felicidade em dar do que em receber."

35

ESPÍRITO DE PROFECIA

Dizimar sempre

Deus espera uma total fidelidade.

36

TESTEMUNHO

Eu e a minha amiga Cigana Josefa

Uma amizade improvável.

38

PÁGINA DA FAMÍLIA

A arma

No grande conflito em que estamos envolvidos, não a podemos esquecer.

40

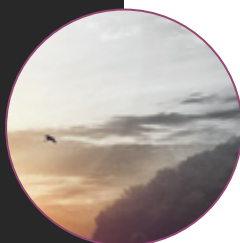
ESPAÇO JUVENIL

Abrão entrega o dízimo

Sê fiel como Abrão!

43

Notícias Internacionais e Nacionais



DESCOBRIR

06

O dia dos últimos Cristãos

Pode encontrar-se o Mandamento do Sábado no Apocalipse?



DESENVOLVER

15

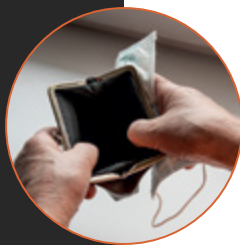
Os Assuntos Públicos da Igreja – Parte II

Princípios que animam a diplomacia da Igreja em Portugal.

21

Mordomos do pensamento

O primeiro entre todos os aspetos da Mordomia.



DAR

25

Dizimar durante uma crise

A importância da fidelidade dos crentes na história da nossa Igreja.

31

O Ellen G. White Estate

Conheça a Instituição que promove o Espírito de Profecia em todo o mundo.



EDITORIAL

Pr. António Amorim
Presidente da UPASD

“Há maior felicidade em dar do que em receber.”

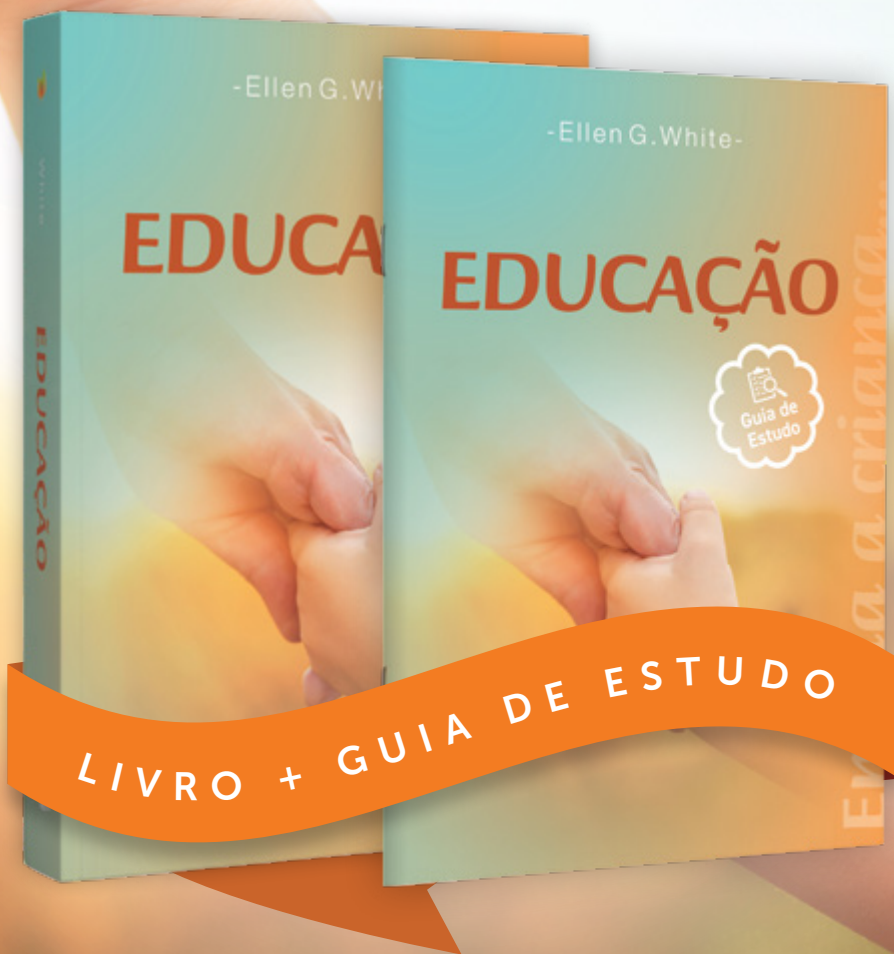
Estas palavras foram atribuídas pelo apóstolo Paulo ao “próprio Senhor Jesus” (Atos 20:35). Na boca de Jesus, esta ideia liga-se ao Seu pensamento relacionado com o sentido profundo do ato de doar a Deus, como é expresso, por exemplo, pela viúva no templo (Lucas 21:1-4), ou do Seu apelo para amearhar tesouros no Céu (Mateus 6:19-21), ou ainda com o desafio dirigido ao “jovem rico”, para a liberalidade a favor tanto dos necessitados como das necessidades do outro (Mateus 19:21).

Esta frase coloca também a ênfase na alegria, ou felicidade, de dar. Todos gostam de receber. Receber tem a conotação de satisfação própria, pela recompensa do esforço e do trabalho realizado, ou pelo reconhecimento do valor que os ofertantes atribuem a quem recebe. Mesmo quando receber é o resultado de um ato aleatório (sorteio), de uma recompensa (prémio) ou de um ato mecânico (reembolso), “receber” alegria sempre o ego, pois confere o sentimento de maior preenchimento material em vez de esvaziamento. Esta afirmação atribuída a Jesus é disruptiva, porque desconstrói esta satisfação egocêntrica, para reconstruir uma men-

talidade altruísta. O princípio divino dos “Dízimos e Ofertas” insere-se nesse movimento de origem divina, de deslocação do pensamento do servo ou da serva de Deus, sobre a percepção do valor dos bens financeiros, saindo do “eu”, do orgulho próprio, do egoísmo, para se fixar em “Deus”, no “outro”, no amor ao outro e no altruísmo. “Dar” a Deus, à Sua Igreja, ao próximo, é um antídoto divino contra a “idolatria do eu”, a ganância e o materialismo, um chamado à humildade e ao reconhecimento de Deus. Assim, constitui-se num ato de adoração. “Dar” por amor aproxima-nos da essência de Deus, o Amor (I João 4:8), “porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu...” (João 3:16). Deus não deu parte do Seu Filho, mas a totalidade. Jesus não deu uma percentagem da Sua vida, mas a totalidade. Isaías profetizou acerca da alegria deste dom total de Cristo: “O trabalho da sua alma ele verá e ficará satisfeito... mas ele levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu” (Isaías 53:11 e 12). A alegria e a motivação de Jesus, ao incarnar, e, depois, ao dar a Sua vida pela Humanidade, estão na salvação de outros. Esta é também a alegria e a motivação do Discípulo de Jesus Cristo; “Há maior felicidade em dar do que em receber”.

“A boa vontade dos crentes macedónios em se sacrificarem era consequência da sua consagração total. Movidos pelo Espírito de Deus, ‘deram-se primeiramente ao Senhor’ (II Cor. 8:5), daí terem-se disposto a dar voluntariamente, das suas posses, para o sustento do Evangelho.” – Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 242, ed. P. SerVir.

BREVEMENTE



LIGUE 21 962 62 00 | LIVRARIA DA SUA IGREJA
COMPRE ONLINE WWW.PSERVIR.PT

Acompanhe esta e outras novidades através das redes sociais  facebook.com/PSerVir  instagram.com/PSerVir

O DIA DOS ÚLTIMOS CRISTÃOS

O SÁBADO NO APOCALIPSE

Neste artigo, iremos mostrar que o Sábado está efetivamente presente, ainda que ocultamente, no último livro do Novo Testamento.



Paulo Lima
Editor da Revista Adventista

INTRODUÇÃO

O livro de Apocalipse, sendo a mais antiga e a mais importante das obras apocalípticas cristãs, pertence assim ao gênero literário denominado “apocalíptico”. Ele é o único exemplo deste gênero de literatura no Novo Testamento. No entanto, o gênero apocalíptico foi florescente no período final do Segundo Templo (164 a.C.-70 d.C.), tendo marcado o pensamento religioso judeu e cristão dessa época.¹ O

Apocalipse foi escrito por João, o único apóstolo de Jesus Cristo que não foi martirizado e o último dos membros do colégio apostólico a falecer.² A data de redação deste enigmático livro deve ser situada durante a fase final do reinado do Imperador romano Domício (81-96 d.C.), provavelmente por volta de 95 d.C..³ Portanto, juntamente com o Evangelho de João, o livro de Apocalipse foi o último livro do Novo Testamento a ser escrito.

Aparentemente, pode parecer estranho procurar qualquer menção do Sábado no Apocalipse, uma vez que o sétimo dia da semana não é explicitamente mencionado por João. No entanto, iremos mostrar neste artigo que o Sábado está efetivamente presente, ainda que ocultamente, no último livro do Novo Testamento. Ele pode ser encontrado, como veremos, em Apocalipse 1:10; 14:6 e 7; 12:17; e 14:12.

Assim, ao estudarmos Apocalipse 1:10, veremos que os Cristãos apostólicos eram observadores do Sábado. Veremos também, ao estudarmos os restantes textos de Apocalipse supra-mencionados, que os últimos Cristãos – que aguardam a Segunda Vinda de Cristo – serão observadores do Sábado.

Começemos por analisar o importante texto de Apocalipse 1:10, que indicia a prática da observância do Sábado por João, e que, deste modo, indicia também que a Igreja Apostólica era observadora do Sábado.

O SÁBADO EM APOCALIPSE 1:10

O texto grego de Apocalipse 1:10 pode ser traduzido do seguinte modo: “Estive em espírito, no dia do Senhor, e ouvi atrás de mim uma grande voz, como de trombeta.” A expressão portuguesa “dia do Senhor” traduz a expressão grega *kuriakê hêméra*. O vocábulo *kuriakê* é um adjetivo possessivo que qualifica o substantivo *hêméra* como algo que está na posse do sujeito. Portanto, João está a referir-se a um “dia” específico que é propriedade “do Senhor”. Esta expressão tem sido interpretada de diversos modos pelos exegetas ao longo da história exegética do Apocalipse. No

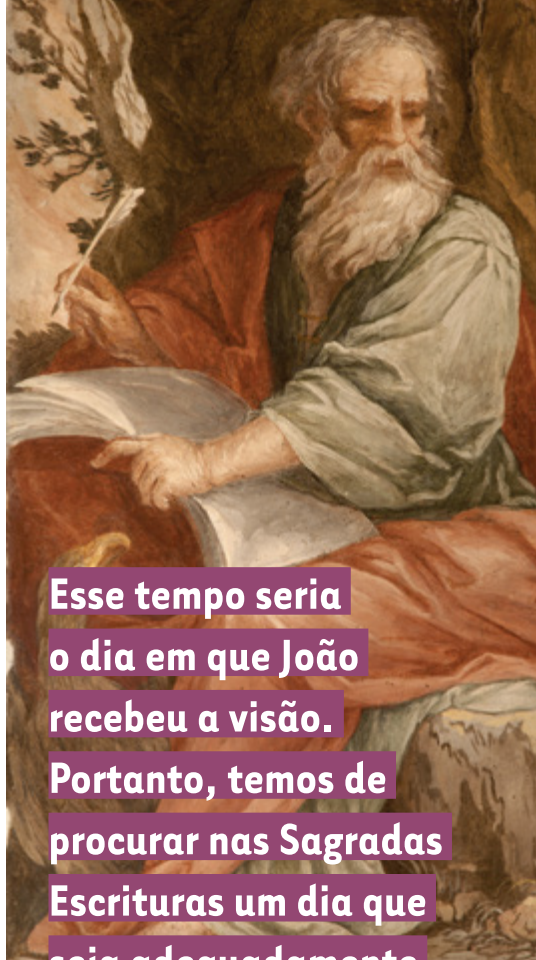
Ao estudarmos Apocalipse 1:10, veremos que os Cristãos apostólicos eram observadores do Sábado. Veremos também, ao estudarmos os restantes textos de Apocalipse mencionados, que os últimos Cristãos – que aguardam a Segunda Vinda de Cristo – serão observadores do Sábado.

entanto, a hipótese hermenêutica mais plausível é aquela que defende que João, ao usar a expressão grega *kuriakê hêméra*, estava a referir-se ao Sábado. Vejamos quais são as razões que sustentam esta interpretação.

Em primeiro lugar, o contexto literário em que aparece mencionada a expressão “dia do Senhor” (Apocalipse 1:9 e 10) deixa perceber que essa expressão se refere ao período de tempo em que João esteve “em espírito”, isto é, refere-se ao período de tempo em que ele teve a visão. De facto, em Apocalipse 1:9 e 10, João menciona o local onde se encontrava (“na ilha chamada Patmos”). Ele menciona também a razão por que estava na referida ilha (“por causa da palavra de Deus”). Ele menciona ainda a sua condição psíquica, característica do recebimento de uma visão sobrenatural (“em espírito”). Todas estas referências compõem a circunstância em que a visão do Cristo glorioso foi dada a João. Portanto, pode concluir-se que a referência de João ao “dia do Senhor” neste texto tem em vista indicar também um

dos aspetos da circunstância da visão: o tempo específico em que a revelação lhe foi comunicada. Esse tempo seria o dia em que João recebeu a visão. Portanto, temos de procurar nas Sagradas Escrituras – que constituem o contexto literário coevo do Apocalipse – um dia que seja adequadamente considerado como o “dia do Senhor”. Como veremos em seguida, temos fortes razões para crer que esse dia é o Sábado. Logo, a referência ao “dia do Senhor” seria uma referência ao Sábado.⁴

Em segundo lugar, o significado da expressão “dia do Senhor” deve ser determinado pelo seu contexto literário mais amplo, que, no caso do Apocalipse, são as Escrituras Sagradas do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Embora esta expressão não seja usada literalmente noutra lugar das Escrituras, o dia que surge nas Escrituras em ligação repetida com o Senhor é o Sábado. De facto, este dia é o dia especial do Senhor no Antigo Testamento. É o dia que Lhe pertence. Deus abençoou e santificou esse dia (Génesis 2:1-3). O que significa que Ele fez desse dia o santo dia do Senhor. Deus declarou na Sua Lei que esse dia seria o memorial da Criação realizada por Ele neste Planeta (Êxodo 20:10 e 11). Assim, no Decálogo, o Sábado surge como o sagrado dia do Senhor. Deus designou o Sábado como sendo “o meu santo dia” (*b'yom qad'shi*) e o “santo [dia] do Senhor” (*liq'dosh YHWH*) (Isaías 58:13). Além disso, Deus referiu-Se aos Sábados semanais como sendo “os meus Sábados” (Êxodo 31:13; Isaías 56:4; Ezequiel 20:20). Assim, o Sábado surge caracterizado como propriedade do



Esse tempo seria o dia em que João recebeu a visão. Portanto, temos de procurar nas Sagradas Escrituras um dia que seja adequadamente considerado como o “dia do Senhor”.

Senhor. O Sábado também é o dia especial do Senhor no Novo Testamento. Os três Evangelhos sinóticos apresentam uma citação de Jesus em que Ele declara que “o Filho do homem é Senhor também do Sábado” (Marcos 2:28; cf. Mateus 12:8; e Lucas 6:5). Ao fazer tal declaração, Cristo estava a deixar claro que o dia de Sábado Lhe pertencia. Que Ele era o Senhor do Sábado. Esta declaração de Cristo está assente no facto de que foi também Ele – como uma das Pessoas do Deus trinitário que criou a Terra (João 1:1-3 e Hebreus 1:2) – que instituiu o Sábado como dia abençoado

e sagrado no fim da semana da Criação. Além do mais, em Marcos 2:28 fica claro que é enquanto “Filho do homem” que Jesus Se apresenta como Senhor do Sábado. Ora, João tem efetivamente uma visão do “Filho do homem” no “dia do Senhor” (Apocalipse 1:10, 13). Assim, o “dia do Senhor” no Apocalipse seria o Sábado.⁵

Em terceiro lugar, João é um escritor judeu, formado pela leitura das Escrituras Hebraicas e imerso nas tradições dos seus antepassados, que conhecia bem os textos do Antigo Testamento e as palavras de Jesus registradas nos Evangelhos. Assim, pelas razões que apontamos, o significado mais natural da expressão “dia do Senhor” para um Judeu cristão seria uma referência ao dia de Sábado. Aliás, o frequente e amplo uso simbólico que, no Apocalipse, João faz do número 7 – tão significativo na espiritualidade judaica, por estar ligado com o Sábado –, aponta persuasivamente para uma interpretação da expressão “dia do Senhor” como sendo uma alusão ao Sábado, uma vez que este é o *sétimo* dia da semana.⁶

Logo, quando interpretamos a frase grega *kuriakê hêmera* à luz do seu contexto literário antecedente, chegamos à conclusão de que ela se refere ao dia de Sábado. Isto também significa que podemos concluir dos argumentos que apresentamos que João era um observador do Sábado. Este dia era, para ele, o “dia do Senhor”. Tal designação, utilizada pelo idoso apóstolo, revela a sua reverência pelo Sábado, o que implica que ele considerava o Sábado como sendo o verdadeiro dia de culto. Dado que João era membro do colégio

apostólico e, portanto, líder destacado da Igreja Apostólica, podemos concluir que a sua observância do Sábado era partilhada pela Igreja do seu tempo, a quem ele endereçou o livro do Apocalipse (1:1-3). Portanto, a Igreja Apostólica teria sido observadora do Sábado, pelo menos até à data da redação do Apocalipse, no fim do século I d.C..

O SÁBADO EM APOCALIPSE 14:6 E 7

O texto grego de Apocalipse 14:6 e 7 pode ser assim traduzido: “E vi outro anjo voando no meio do céu, tendo um evangelho eterno para anunciar aos que estão sentados sobre a terra e a toda a nação e tribo e língua e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, porque chegou a hora do seu juízo, e adorai aquele que fez o céu e a terra e o mar e as fontes das águas.” Para interpretarmos sumariamente este texto, temos de responder primeiro às seguintes perguntas: (1) O que simbolizam o anjo e a sua missão? (2) Em que período da história humana o anjo desenvolve a sua missão?

Em resposta à primeira pergunta, podemos dizer que o anjo (juntamente com os dois anjos seguintes que surgem em Apocalipse 14:6-13) é o símbolo de um movimento eclesial humano que anuncia ao mundo “o evangelho eterno”. Temos as seguintes razões para defender esta tese. Primeira, o termo grego *angelos*, traduzido usualmente como “anjo”, significa literalmente “mensageiro”. Assim, no Novo Testamento, *angelos* nem sempre se refere a um ser sobrenatural. Pode também denotar um ser humano (cf. Mateus 11:10; Lucas 7:24; 9:52; e Tiago 2:25). Segunda, em Apocalipse

2 e 3, o termo *angelos* também é usado por João para significar simbolicamente uma igreja, isto é, um movimento eclesial constituído por seres humanos. De facto, cada um dos sete “anjos” aí mencionados é o símbolo apocalíptico (ou a contraparte mística) de cada uma das sete “igrejas” da Ásia. Terceira, o anjo de Apocalipse 14:6 e 7 tem a missão de proclamar o “evangelho eterno” a todos os habitantes da Terra. Ora, o Novo Testamento coloca claramente a responsabilidade de evangelizar o mundo sobre os ombros dos discípulos humanos de Jesus (Mateus 28:19 e 20; Atos 1:8). Assim sendo, o anjo que é representado como levando o “evangelho eterno” ao mundo deve ser um símbolo apocalíptico da verdadeira Igreja de Deus, que tem a tarefa de proclamar o Evangelho à Humanidade. Portanto, tendo em linha de conta as três razões avançadas, podemos concluir que o primeiro anjo de Apocalipse 14 simboliza um movimento eclesial constituído por seres humanos que leva a efeito a tarefa de disseminar o “evangelho eterno” de Jesus Cristo por todo o mundo.⁷

Em resposta à segunda pergunta colocada, podemos afirmar que o período da história humana em que o anjo desenvolve a sua missão é o tempo do fim, que antecede a Segunda Vinda de Cristo. Esta tese está apoiada na situação da perícopes textual de Apocalipse 14:6-13 na estrutura global do livro de João. Dado que não temos espaço aqui para expor detalhadamente essa estrutura e as razões que a fundamentam, basta dizer que Apocalipse 14:6-13 situa-se na primeira divisão do livro, a divisão sobre a descrição profética da Histó-

ria, sendo um interlúdio que aborda os acontecimentos do tempo do fim que têm lugar na história da salvação, antes do culminar escatológico desta, isto é, antes da Segunda Vinda de Cristo. Esta constatação, resultante da posição estrutural da perícopes de Apocalipse 14:6-13, é reforçada pela análise do seu conteúdo simbólico. De facto, esta perícopes apresenta elementos simbólicos que indicam que o movimento de mensageiros humanos simbolizado pelo primeiro anjo de Apocalipse 14 desenvolve a sua ação na parte final da história do nosso mundo. Assim, o primeiro anjo empreende a proclamação mundial do Evangelho eterno, o que mostra que ainda há algum tempo para a Humanidade receber essa mensagem antes do regresso de Cristo à Terra. Contudo, devemos também notar que o primeiro anjo está a cumprir a profecia de Cristo de que o Evangelho seria anunciado em todo o mundo, e, então, viria o fim da História (Mateus 24:14), o que mostra que ele desenvolve a sua ação no tempo do fim. Note-se ainda que o primeiro anjo também anuncia que é chegada a hora do juízo final para a Humanidade. Isto indica claramente que ele simboliza um movimento humano que existe no tempo do fim, pois este é o tempo do juízo. Portanto, podemos concluir que a missão do primeiro anjo de Apocalipse 14 decorre no tempo do fim que antecede a Segunda Vinda de Cristo.⁸

Pode agora perguntar-se: que ligação tem o primeiro anjo de Apocalipse 14 com o Sábado? A resposta é simples: a mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14 contém em si uma referência ao Sábado. Esta referência surge sob a

A expressão que o anjo utiliza para apelar à adoração de Deus enquanto Criador remete-nos imediatamente para o texto do quarto Mandamento da Lei de Deus.

forma de uma alusão textual. De facto, na mensagem de exortação do anjo, a Humanidade é convidada, primeiro, a temer e a glorificar Deus e, segundo, a adorar Deus enquanto Criador. Ora, a expressão que o anjo utiliza para apelar à adoração de Deus enquanto Criador remete-nos imediatamente para o texto do quarto Mandamento da Lei de Deus, isto é, para o Mandamento do Sábado no Decálogo. Com efeito, o anjo diz: “adorai aquele que fez o céu e a terra e o mar e as fontes das águas.” Portanto, Deus é digno de ser adorado, porque Ele é o Criador do nosso Planeta, e foi precisamente enquanto Criador que Ele “fez o céu e a terra e o mar e as fontes das águas”. Esta frase é uma alusão evidente ao texto do Mandamento do Sábado. Este Mandamento requer que os seres humanos guardem o Sábado, porque “em seis dias, fez o Senhor o céu e a terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou” (Êxodo 20:11). Este paralelo textual claro entre o texto da mensagem do primeiro anjo de Apocalipse 14 e o texto do quarto Mandamento do Decálogo indica que o

chamado à adoração do Deus Criador feito pelo anjo no tempo do fim remete para a observância do Sábado como legítimo dia de adoração, isto é, como o dia em que deve ser realizada a adoração autêntica ao Deus Criador. Adorar Deus enquanto Criador significa necessariamente adorá-’O no dia que Ele mesmo fixou como memorial do Seu poder criador. Esse dia é o Sábado (Êxodo 20:8-11).⁹

Deste modo, fica claro que a mensagem que o primeiro anjo anuncia implica também um apelo à Humanidade para que observe o Sábado no tempo do fim, imediatamente antes da Segunda Vinda de Jesus Cristo. O movimento eclesial cristão dos últimos dias da história da Terra, representado simbolicamente pelo primeiro anjo de Apocalipse 14, é seguramente composto por Cristãos fiéis ao Criador, que demonstram essa total fidelidade pela observância do Sábado como autêntico dia de culto. É devido a essa fidelidade que eles convidam os restantes seres humanos a adorarem nesse dia. Portanto, segundo a revelação profética que João nos comunica no Apocalipse, o Sábado surge como o santo dia de culto

dos Cristãos fiéis a Deus que aguardam o regresso de Jesus no tempo do fim.

O SÁBADO EM APOCALIPSE 12:17 E 14:12

O texto grego de Apocalipse 12:17 pode ser traduzido assim: “E irou-se o dragão contra a mulher e foi fazer guerra contra o remanescente da sua descendência, aqueles que guardam os mandamentos de Deus e que têm o testemunho de Jesus.” Por sua vez, o texto grego de Apocalipse 14:12 deixa-se traduzir da seguinte forma: “Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus.” Para interpretarmos estes dois textos, devemos determinar sinteticamente qual o período histórico em que vivem o “remanescente” e os “santos” mencionados, bem como definir sumariamente quem são eles.

Ao interpretarmos Apocalipse 14:6 e 7, vimos que o período da história humana em que ocorriam os eventos narrados em Apocalipse 14:7-13 era o tempo do fim, que antecede a Segunda Vinda de Cristo. Dado que o texto de Apocalipse 14:12 também se inclui na referida perícopie textual, podemos concluir que os “santos” que “guardam os mandamentos de Deus”

vivem no tempo do fim. Eles são os crentes cristãos que estão associados ao movimento eclesial representado pelo primeiro anjo (e também pelos dois anjos restantes) de Apocalipse 14.

Quanto ao período histórico em que vive o “remanescente” referido em Apocalipse 12:17, podemos dizer que é também o tempo do fim, imediatamente anterior ao regresso de Cristo. Não temos espaço aqui para o demonstrar detalhadamente. Basta dizer que a guerra que Satanás (o “dragão”) move contra o remanescente acontece na fase final da história do mundo, após 1798 d.C.. De facto, a estrutura de Apocalipse 12 indica que o dragão começa a perseguir o “remanescente” após o fim dos 1260 dias proféticos mencionados em Apocalipse 12:6 e (sob outra forma simbólica) em Apocalipse 12:14. Estes 1260 dias proféticos representam 1260 anos históricos (cf. Ezequiel 4:6; Números 14:34), os quais começaram em 538 a.C. e terminaram em 1798 d.C.. A primeira data marca a ascensão político-religiosa da Igreja Romana na esfera internacional e a última data marca o seu declínio. Na primeira data, Roma foi libertada do domínio dos bárbaros Arianos que a oprimiam. Na última data, o Papa Pio VI foi preso pelo general francês Louis-Alexandre Berthier, em Roma.



Assim, 1798 é o começo do tempo do fim. Quanto à identidade do “remanescente”, podemos dizer brevemente que é um grupo eclesial especial que integra Cristãos que aguardam a Segunda Vinda de Jesus no tempo do fim.¹⁰

Ora, é-nos dito, em Apocalipse 12:17 e 14:12, que o “remanescente” e os “santos” “guardam os mandamentos de Deus”. A palavra grega *entolê* pode ser traduzida de várias formas: “mandamento”, “ordem”, “lei”. No Novo Testamento, ela pode designar um único Mandamento ou referir-se à Lei de Deus na sua totalidade. Ela é sobretudo usada para designar os Mandamentos divinos. Em vários textos do Novo Testamento, *entolê* refere-se claramente aos Dez Mandamentos (e.g., Mateus 15:3, 6; 19:17; Marcos 10:19; Romanos 7:8-13). No Apocalipse, *entolê* é usada duas vezes (12:17 e 14:12). Podemos interrogar-nos: que “mandamentos de Deus” tinha João em mente em Apocalipse 12:17 e 14:12? Estes “mandamentos de Deus” (*tas entolas tou Theou*) devem, pelo menos, incluir os Dez Mandamentos. De facto, certos textos do Novo Testamento (como Mateus 15:3 e 4; Marcos 7:9 e 10; Mateus 19:7-10; Romanos 13:9) revelam claramente que os escritores neotestamentários tinham em alta consideração os Dez Mandamentos, e usavam a expressão “mandamentos de Deus” para se referirem a eles. Tiago considera os Mandamentos do Decálogo como sendo a “lei” de Deus (Tiago 2:10-12). Ora, os substantivos “mandamento” e “lei” são ambos usados nas Sagradas Escrituras para se referir o Decálogo (cf. Êxodo 24:12). Portanto, é razoável crer

que João teria, pelo menos, em mente o Decálogo, quando usou a expressão “mandamentos de Deus”, em Apocalipse 12:17 e 14:12.¹¹

Na verdade, podemos apresentar um forte argumento que mostra que João tinha efetivamente em mente os Dez Mandamentos em Apocalipse 12:17 e 14:12. Este argumento tem a ver com as diversas alusões ao Decálogo espalhadas por todo o Apocalipse. De facto, em muitas passagens, João deixa claro que está a avaliar o comportamento dos personagens do seu livro a partir do critério normativo do Decálogo. Apontamos apenas um exemplo. Em Apocalipse 9:20 e 21, João afirma que, apesar dos flagelos enviados por Deus para os alertar, os habitantes da Terra não se arrependeram de adorar os seus ídolos, nem se arrependeram dos seus homicídios. Ora, é evidente que o profeta estava, nesta passagem, a usar como medida de aferição moral os Mandamentos do Decálogo contra a idolatria (Êxodo 20:4-6) e contra o homicídio (Êxodo 20:13). Além deste exemplo, outros poderiam ser dados que mostram que João, ao escrever o Apocalipse, considerava como normativos os Mandamentos do Decálogo. Assim, podemos ter a certeza de que ele estava a pensar nestes Mandamentos quando se refere aos “mandamentos de Deus”, em Apocalipse 12:17 e 14:12.¹²

No centro dos Dez Mandamentos encontra-se o quarto Mandamento, que ordena a observância do Sábado como dia de repouso e de santificação (Êxodo 20:8-11). Se os Cristãos do tempo do fim referidos em Apocalipse 12:17 e 14:12 – o “remanescente” e os

Seguindo o exemplo de João, e fazendo parte daqueles que aguardam hoje o regresso de Cristo, nós devemos demonstrar a nossa fidelidade a Deus, guardando o Seu santo dia.

“santos” – guardam “os mandamentos de Deus” sem exceção, então devemos necessariamente concluir que eles serão observadores do Sábado. Portanto, de acordo com a revelação profética que foi comunicada a João, o Sábado será o santo dia de repouso e de culto dos Cristãos que vivem no tempo do

fim, imediatamente antes da Segunda Vinda de Cristo.

CONCLUSÃO

Chegámos ao fim do nosso estudo. Podemos concluir que, tal como afirmámos na introdução, o Sábado está presente, ainda que oculto, no livro de Apocalipse. Verificámos que o Sábado era uma realidade presente na vida espiritual dos Cristãos apostólicos do fim do século I e será também uma realidade presente na vida espiritual dos Cristãos do tempo do fim que aguardam a Segunda Vinda de Jesus. Assim, não podemos deixar de concluir que ele deveria ser também uma realidade na nossa vida espiritual. Seguindo o exemplo de João, e fazendo parte daqueles que aguardam hoje o regresso de Cristo, nós devemos demonstrar a nossa fidelidade a Deus, guardando o Seu santo dia.

1. Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ: Commentary on the Book of Revelation*, Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2002, p. 1. Hans Conzelmann e Andreas Lindemann, *Guide pour l'étude du Nouveau Testament*, Genève: Labor et Fides, 1999, pp. 415 e 416. Werner Georg Kummel, *Introdução ao Novo Testamento*, 2ª ed., São Paulo: Paulus, 1982, pp. 595-598.
2. Jon Paulien, *The Deep Things of God: An Insider's Guide to the Book of Revelation*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2004, pp. 8-10. Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, pp. 2 e 3.
3. Jon Paulien, *The Deep Things of God*, pp. 10-16. Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, pp. 3-5. Hans Conzelmann e Andreas Lindemann, *Guide pour l'étude du Nouveau Testament*, p. 420. Werner Georg Kummel, *Introdução ao Novo Testamento*, pp. 613-617.
4. Francis D. Nichol (ed.), *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 1980, vol. VII, p. 735.
5. Francis D. Nichol (ed.), *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. VII, p. 736. Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, pp. 90 e 91. Richard Lehmann, *Apocalypse de Jean*, 2^{ème} ed. rev. et augm., Collonges-sous-Salève: Faculté Adventiste de Théologie, 2002, vol. I, p. 56. C. Mervyn Maxwell, *God Cares: The Message of Revelation for You and Your Family*, Nampa: Pacific Press, 1985, p. 83.
6. Jacques B. Doukhan, *Secrets of Revelation: The Apocalypse Through Hebrew Eyes*, Hagerstown, MD: Review and Herald, 2002, p. 21.
7. Paulo Lima, “As Mensagens dos Três Anjos: Introdução a Apocalipse 14:6-13”, *Revista Adventista*, vol. 74, n° 803, abril de 2014, pp. 8-10.
8. Paulo Lima, “As Mensagens dos Três Anjos”, pp. 10-13.
9. Ranko Stefanovic, *Revelation of Jesus Christ*, p. 445. Mathilde Frey, “Sabbath Theology in the Book of Revelation”, in: Ángel Manuel Rodríguez (ed.), *Toward a Theology of the Remnant*, Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2009, p. 140.
10. Johannes Kovar, “The Remnant and God's Commandments: Revelation 12:17”, in: Ángel Manuel Rodríguez (ed.), *Toward a Theology of the Remnant*, Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2009, pp. 113-116.
11. David E. Aune, *Revelation 6-16* (Word Biblical Commentary, 52B), Nashville: Thomas Nelson, 1998, pp. 710-712.
12. Johannes Kovar, “The Remnant and God's Commandments: Revelation 12:17”, pp. 117-124.

OS ASSUNTOS PÚBLICOS DA IGREJA

PARTE II: FUNDAMENTOS E AÇÃO

Uma reflexão sobre o Ministério de Assuntos Públicos da Igreja e acerca do seu contributo para o avanço da missão evangelizadora.



Paulo Sérgio Macedo
Diretor do Departamento de Liberdade Religiosa e Assuntos Públicos da UPASD

Dentro da sua vocação missionária, há uma valência determinante para a reputação da Igreja: o Ministério de Assuntos Públicos. Na Bíblia e na História, vemos que a Igreja foi criticada e perseguida, pelo que “Reputação” não parece ser a palavra adequada à sua missão... Não podemos esquecer, contudo, que isso derivou da ação das Autoridades e dos adversários contra os fiéis, e não do incitamento dos fiéis contra as Autoridades e os adversários. Assim, é importante compreender, desde já, que os seguidores de Cristo têm seguido um conjunto de princípios fundamentais em relação às Autoridades civis e eclesíásticas que espelham o pensar de Cristo sobre o papel da Igreja no mundo. Aqui escolhemos alguns escritos bíblicos para os apresentar. Esses, sim, constroem a Reputação da Igreja, aos olhos de Deus e dos homens.

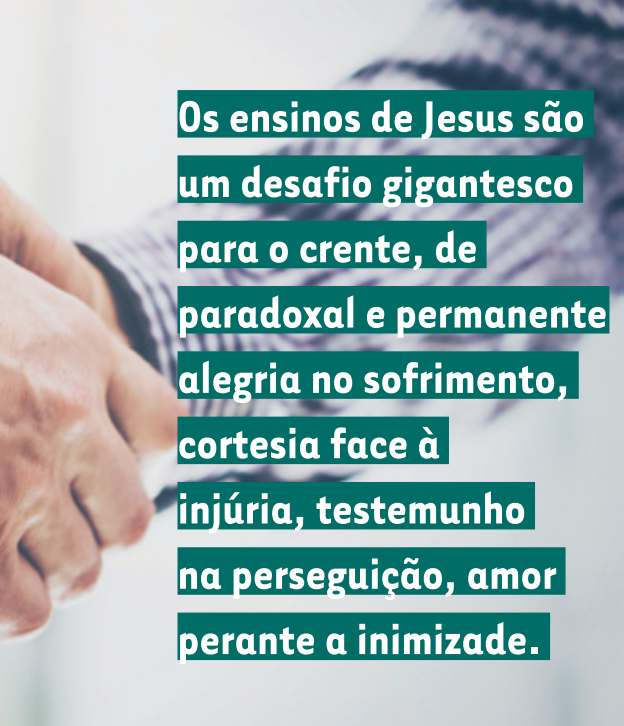
DE ONDE É O REINO?

Uma das mais extraordinárias frases de Jesus sobre a postura cristã na Sociedade é, simultaneamente, um dos desafios mais difíceis de ser compreendido e cumprido na atualidade, no tempo do imediatismo comunicacional. Jesus disse: “O meu Reino não é deste mundo; se o meu Reino fosse deste mundo, lutariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; mas, agora, o meu Reino não é daqui” (João 18:36). Esta frase tem, pelo menos, três implicações profundas: 1. O Reino que Jesus veio preparar não se implantaria imediatamente na Terra, nem se coadunaria com os termos usados pelos reinos desta Terra. 2. Jesus podia ter pedido a anjos e



a homens que lutassem por Si, e por violência vencessem os Seus algozes... mas não o fez. 3. Não era aquele o momento em que o Reino da Glória de Deus estaria implantado, nem o é agora. Hoje, é o tempo da Graça, e não se pode salvar aqueles que se destrói, por ação ou por palavra (Lucas 9:56). Daí que a missão seja anunciar esse Reino, apelando à conversão presente e à expectativa da Sua vinda futura.

Foram os pretensos Cristãos – não Cristo – que procuraram adaptar os ensinamentos de Jesus a teorias de governação temporais, com maior ou menor aproximação e honestidade. Por exemplo, no século V, o Papa Gelásio V, com base no pensamento agostiniano, propôs a teoria das Duas Cidades ao Imperador Anastácio I, colocando o poder espiritual acima do poder temporal, de modo a controlá-lo.¹ O próprio Agostinho defendeu o pacifismo como postura filosófica,² mas também a necessidade de



Os ensinamentos de Jesus são um desafio gigantesco para o crente, de paradoxal e permanente alegria no sofrimento, cortesia face à injúria, testemunho na perseguição, amor perante a inimizade.

intervir perante a injustiça, o que levou Tomás de Aquino a classificar o que considerava ser uma “guerra justa”.³ E até Maquiavel (cujo nome deu origem à adjetivação, exagerada, sinónima de perfídia) defende a separação da moral individual da moral pública do governante, chegando a advogar que mais lhe vale ser temido do que amado.⁴ O que diria Jesus destas teorias: Ele, que separou Estado e Igreja, convidou a dar a outra face e revelou perfeitamente o carácter de um Pai que é Amor, que ama e que quer ser amado?! Jesus apelou a que os olhos dos que O seguem fossem colocados na espiritualidade, na moralidade e na ética pessoais, com reflexos no benefício da Sociedade; mas não construiu, não propôs e não endossou um modelo de governação. Assim, os Seus ensinamentos são um desafio gigantesco para o crente, de paradoxal e permanente alegria no sofrimento, cortesia face à injúria, testemunho na perseguição, amor perante a ini-

mizade. É assim que o crente vive neste mundo, de onde Jesus não o tira (ainda), mas o livra do maligno (João 17:15).

OS OITO REMÉDIOS CONTRA A ASPEREZA

O apóstolo Paulo é claro ao definir como se identifica o resultado da ação do Espírito de Deus no Homem. Para ele, “o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança” (Gálatas 5:22). Se definimos que Jesus não veio fundar um reino político nem propor regras de governação; se concordamos que Jesus apela a uma transformação pessoal e ao seu efeito temperador na Sociedade; e se aceitamos que o amor é a base dos relacionamentos e não entendemos a moral pública como sendo diferente da privada, então o fruto do Espírito para cada um deve ser o fruto do Espírito para a Igreja. A Igreja, através de cada pessoa, oficial, órgão e Comunidade, deve procurar relacionar-se com as Autoridades civis e eclesíásticas, de modo a representar digna e retamente Jesus, através do fruto do Seu Espírito. Cada um dos “gomos” desse fruto é uma luta contra as características que lhe são antagónicas, porque são carnisais:⁵ o amor contra o ódio; o gozo contra o desânimo; a paz contra a discórdia; a longanimidade contra a precipitação; a benignidade contra o preconceito; a bondade contra a iniquidade; a fé contra a incredulidade; a mansidão contra a irascibilidade; e a temperança contra o desequilíbrio. *A contrariu sensu*, e como reflexão, que possibilidade existe para um relacionamento com os outros, que seja verdadeiramente um testemu-

**A CONTRARIU SENSU,
E COMO REFLEXÃO,
QUE POSSIBILIDADE
EXISTE PARA UM
RELACIONAMENTO COM
OS OUTROS, QUE SEJA
VERDADEIRAMENTE
UM TESTEMUNHO DE
JESUS, SE SE BASEAR NO
ÓDIO, NO DESÂNIMO,
NA DISCÓRDIA, NA
PRECIPITAÇÃO, NO
PRECONCEITO, NA
INIQUIDADE, NA
INCREDULIDADE E NO
DESEQUILÍBRIO?**

nho de Jesus, se se basear no ódio, no desânimo, na discórdia, na precipitação, no preconceito, na iniquidade, na incredulidade e no desequilíbrio? Este versículo de Gálatas não é somente um texto definidor das características que Deus deseja refletir nos Seus filhos – ele é um apelo pungente de Deus, através da pena de Paulo, para uma análise profunda de pensamentos, palavras e ações à luz da medida do que é ser alguém dirigido pelo Espírito Santo de Deus. E é esta análise que deve ser feita, em permanência, nos relacionamentos, quer pessoais, quer institucionais.

O CRISTÃO, AS AUTORIDADES E O TESTEMUNHO

Chegou, pois, o momento de propor doze princípios, que se referem, resumidamente, ao relacionamento dos Cristãos e, logo, da Igreja, com a Sociedade em que estão inseridos:

1. O fundamental: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento” e “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37, 39).

2. Liberdade, própria e dos outros, como princípio, como expressão do serviço por amor ao próximo (Gálatas 5:13), bem como respeito pelos direitos de cada um.⁶

3. Respeito pelas Autoridades que existem, por obediência a Deus e para o próprio bem (Romanos 13:1-6; ver Eclesiastes 8:2-6).

4. Bom exemplo, para que ninguém tenha nada a apontar, o que servirá para glória de Deus e para condenação dos que perseguem injustamente (I Pedro 2:12-17).

5. Defesa do princípio da separação da esfera do religioso e do político (Mateus 22:19-21), declarando o temor somente a Deus, honrando os poderes terrenos e cumprindo as obrigações (I Pedro 2:17; Romanos 13:7).

6. Discernimento e coragem, para estar à altura de saber quando é necessária a força para declarar e cumprir que “mais vale obedecer a Deus do que aos homens” (Atos 5:28 e 29) e que há trajetos, não aprovados por Deus, em que não podemos caminhar com os outros (Amós 3:3).⁷

7. Moderação, como esforço de autocontrole, abnegação, juízo no falar e

no agir (II Timóteo 1:7; Tito 1:8; 2:6; II Timóteo 3:3; Tiago 3:7; Provérbios 10:20; e 12:18... e muitos outros).

8. Consideração por todas as pessoas, com a mesma dignidade perante Deus, cumprindo a chamada Regra Áurea pronunciada por Jesus: “Façam aos outros o que querem que vos façam. É isto que ensinam a Lei e os profetas” (Mateus 7:12).

9. Oração pelas decisões dos governantes, para uma vida sossegada, piedosa e de bom testemunho (I Timóteo 2:1-3).

10. Noção de que a adversidade, a inimizade e a perseguição fazem parte da caminhada cristã (Lucas 9:23), mas que é possível vivê-la e completá-la com a especial bênção de Jesus (Mateus 5:11), pois não são os outros seres humanos, criaturas do mesmo Deus, os nossos verdadeiros antagonistas (Efésios 6:12).

11. Procura, com a ajuda de Cristo, de uma vida “com domínio de nós próprios, com justiça e piedade”, aguardando, “numa esperança feliz (...) o grande Deus e Salvador Jesus Cristo” (Tito 2:11-13).

12. Foco no foco do próprio Jesus, como Seus Discípulos: a salvação de

cada indivíduo (João 3:16 e 17), e não no poder, na razão ou na vitória, pessoal ou coletiva, sobre os outros.

E ASSIM...

Esperamos, através deste artigo, ter despertado o seu interesse e aprofundado o seu conhecimento sobre o Ministério de Assuntos Públicos da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal. Em breve, pensamos publicar uma série de testemunhos sobre o quanto Deus tem beneficiado a Sua Igreja através dele e para Sua glória. Mas deixamos aqui um pequeno testemunho, para demonstrar quanto aprendemos e ensinamos quando nos misturamos com outros, querendo-lhes bem. Este, que a seguir descrevemos, foi um momento de aprendizagem.

Em 2018, como já tinha acontecido antes, fui convidado por um amigo Muçulmano, responsável cultural numa Mesquita, para participar da cerimónia de fim do Ramadão. Apesar de ser uma simples interrupção de jejum, através de um copo de água e de uma tâmara, o convite é uma grande honra. Mas, desta vez, vinha acrescido de um facto especial: o Senhor Presidente da República estaria presente. Sendo o convite realizado a



“Há hoje, em cada lugar, pessoas que são honestas de coração, e sobre essas a luz do Céu está a brilhar.”

meio do dia, quando houve confirmação da presença, não me sentia vestido com rigor suficiente para a ocasião e escusei-me a estar presente. “Hoje, o dia era de trabalho de escritório, não de reuniões ou compromissos...”, invoquei, envergonhado, por não poder aceitar. O meu amigo insistiu, argumentou que a roupa não era o mais importante, que a fraternidade era o principal, que temos de aproveitar e viver a liberdade religiosa e o convívio entre as Comunidades... e, claro (conhecendo ele os nossos princípios quanto a celebrações conjuntas), que a cerimónia não continha a obrigação de participação em rituais. Como dizer que não a um tão amável convite? Decidi ir.

Ao entrar na Mesquita, naquele final de tarde de primavera, juntei-me ao grupo de membros do Grupo de Trabalho Inter-Religioso, no pátio,

conversando, à espera de sermos recebidos. E fiquei tão surpreendido como comovido quando vi o meu amigo com uma roupa semelhante à que eu tinha descrito que trazia, sem fato e sem gravata. Pelo menos, já não era o menos cerimonioso de todos... éramos dois e ele era da casa.

Neste pequeno ato de gentileza, cimentei a convicção de que é possível estar em desacordo quanto à fé, à cosmovisão, ao modelo de Sociedade e aos costumes, e, mesmo assim, ser respeitador da dignidade do outro, compreender a sua diferença e agir com gentileza. Ele compreendeu-me, aceitou-me, apoiou-me, fez de mim (ainda mais) um amigo. Quanto mais nós, que conhecemos e aplicamos o Método de Cristo, temos esta responsabilidade!

“Há hoje, em cada lugar, pessoas que são honestas de coração, e sobre essas a luz do Céu está a brilhar. Se continuarem fiéis em seguir o que entendem ser o dever, ser-lhes-á dada luz adicional, até que, como Naamã no passado, sejam obrigadas a reconhecer que ‘em toda a terra não há Deus’, se não o Deus vivo, o Criador.”⁸

E nós podemos contribuir para isso, como crentes e como Igreja.

¹ J. Touchard, *História das Ideias Políticas*, vol. 1, pp. 150-152.

² *Idem*, pp. 136-142.

³ *Idem*, pp. 216-218.

⁴ *Idem*, vol. II, pp. 20-25.

⁵ “Eis o conselho que vos dou: andem debaixo da direção do Espírito e, dessa forma, não darão satisfa-

ção aos apelos da vossa natureza pecaminosa. Porque a nossa natureza humana é oposta à vida do Espírito e vice-versa; o Espírito opõe-se à nossa natureza pecaminosa. Estas duas forças estão a lutar uma contra a outra e, por isso, não fazemos o que gostaríamos.” (Gálatas 5:16 e 17.)

⁶ Sobre este assunto, escreveu Ellen G. White: “O Senhor requer que reconheçamos os direitos de todos os homens. Os direitos sociais dos homens, e os seus direitos como Cristãos, devem ser tomados em con-

sideração. Todos têm de ser tratados fina e delicadamente, como filhos e filhas de Deus.” – EGW, *Obreiros Evangélicos*, p. 123.

⁷ Sobre este assunto, ver o documento “A Igreja Adventista do Sétimo Dia, o Relacionamento com outras Crenças e a Liberdade Religiosa”, aprovado pelo Conselho Diretor da UPASD em 2016.

⁸ EGW, *Profetas e Reis*, p. 167, ed. P. SerVir.

MORDOMOS DO PENSAMENTO

O pensamento exige uma gestão cuidadosa. Somos mordomos de Deus e, antes da gestão de qualquer outra dádiva, precisamos de fazer uma boa administração cristã do pensamento.



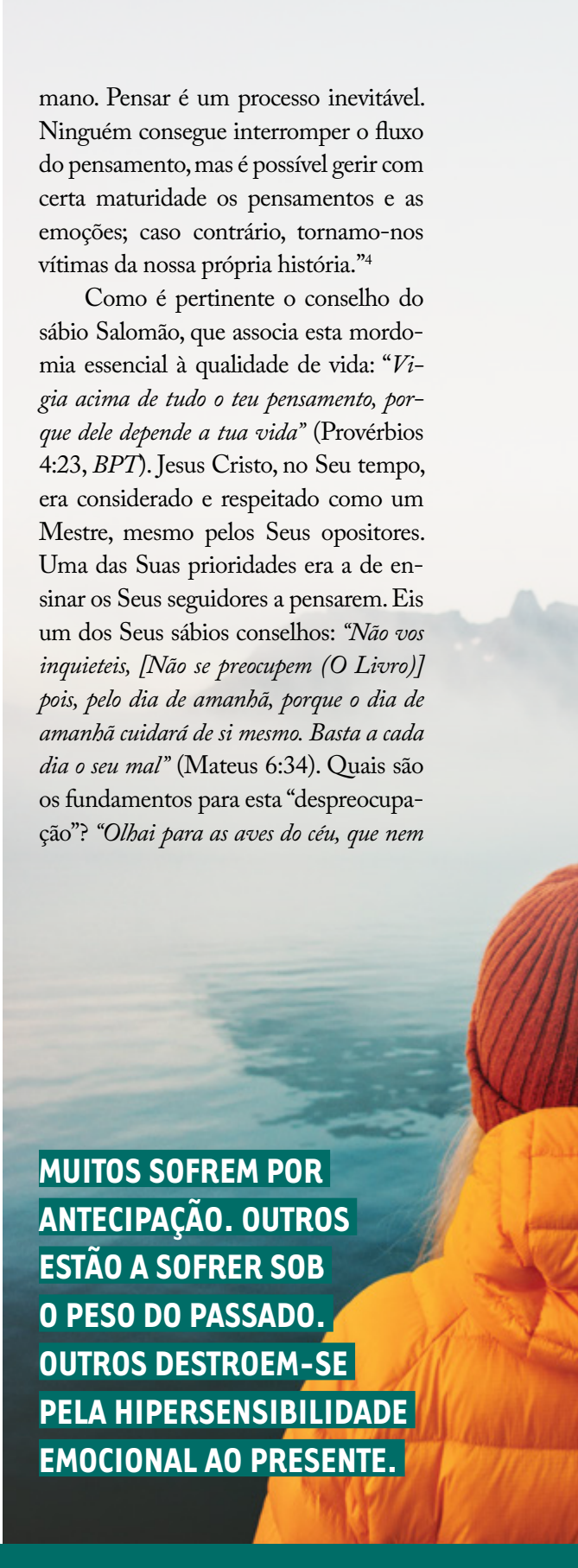
Fernando Ferreira
*Diretor-Associado do
Departamento de
Mordomia da UPASD*



O que é o pensamento? Numa perspectiva bastante humana, “o pensamento é aquilo que é trazido à existência através da atividade intelectual. Por esse motivo, pode dizer-se que o pensamento é um produto da mente, que pode surgir mediante atividades racionais do intelecto ou por abstrações da imaginação.”¹ Ellen G. White ajuda-nos a ir mais além desta compreensão: “Deus deu aos seres humanos um intelecto para que possam compreender coisas maiores do que os maravilhosos objetos da Natureza. Ele transporta o agente humano a um nível mais alto da verdade, dirigindo a mente para mais alto, cada vez mais alto, e abrindo-lhe a mente divina.”² Esta faculdade conferida ao ser humano é de uma profundidade concetual e de uma beleza intrínseca indescritíveis. É um dom maravilhoso de Deus! Esta dádiva divina precisa de ser desfrutada com admiração e responsabilidade. O pensamento exige uma gestão cuidadosa. Somos mordomos de Deus e, antes da gestão de qualquer outra dádiva, precisamos de fazer uma boa administração cristã do pensamento. “Pensar é um espetáculo. Porém, tanto pode ser um espetáculo de prazer como de terror.”³ Há pessoas que gostam de parar para pensar. Outras tentam manter-se ocupadas, para não pensarem. Muitas pessoas procuram avidamente distrair-se para deixar de pensar na vida! A distração pode atuar como uma fuga à realidade. Há pessoas que não suportam o silêncio. Muitas têm medo de se encontrar consigo mesmas. Há ainda outras pessoas que aprenderam a desfrutar do silêncio, para se encontrarem a sós com Deus! “Pensar não é uma opção do ser hu-

mano. Pensar é um processo inevitável. Ninguém consegue interromper o fluxo do pensamento, mas é possível gerir com certa maturidade os pensamentos e as emoções; caso contrário, tornamo-nos vítimas da nossa própria história.”⁴

Como é pertinente o conselho do sábio Salomão, que associa esta mordomia essencial à qualidade de vida: “*Vigia acima de tudo o teu pensamento, porque dele depende a tua vida*” (Provérbios 4:23, BPT). Jesus Cristo, no Seu tempo, era considerado e respeitado como um Mestre, mesmo pelos Seus opositores. Uma das Suas prioridades era a de ensinar os Seus seguidores a pensarem. Eis um dos Seus sábios conselhos: “*Não vos inquieteis, [Não se preocupem (O Livro)] pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal*” (Mateus 6:34). Quais são os fundamentos para esta “despreocupação”? “*Olhai para as aves do céu, que nem*



MUITOS SOFREM POR ANTECIPAÇÃO. OUTROS ESTÃO A SOFRER SOB O PESO DO PASSADO. OUTROS DESTROEM-SE PELA HIPERSENSIBILIDADE EMOCIONAL AO PRESENTE.

semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mateus 6:26.) Esta declaração de Jesus sugere-nos três ideias principais: Primeira, não precisamos de nos preocupar demasiado com o amanhã, é suficiente que nos ocupemos com a qualidade do tempo de hoje. Segunda, devemos alijar as nossas preocupações, pondo-as nas mãos de Deus. Terceira, dominemos a ansiedade, pensando e vivendo na presença de Deus como um Pai cuidadoso!

Será que podemos ou devemos ignorar as preocupações? No contexto da vida humana há sempre o risco de haver inquietações. Um certo grau de preocupação pode, até, ser saudável. Contudo, precisamos de avaliar e gerir bem estes estados de espírito. “Muitos fazem das suas emoções um depósito de lixo. Não filtram os problemas.”⁵ Na mordomia do pensamento, precisamos

**ESTAS ATITUDES
PODEM IMPEDIR-NOS
DE DESFRUTARMOS DO
MOMENTO. O PRESENTE
É “UM DOM” DE DEUS.
DESFRITE DELE!**

de aprender a filtrar: Devemos resolver o que é possível resolver, isto é, evitar adiar. Podemos definir que o que não é possível resolver, já está resolvido. E o que fazemos com aquilo que ainda fica pendente? Nesse caso, quando ainda não sabemos muito bem como iremos resolver, devemos aplicar as nossas capacidades com vista a encontrar soluções, pondo sempre tudo nas mãos de Deus, e ficar em paz.

Muitos sofrem por antecipação. Outros estão a sofrer sob o peso do passado. Outros destroem-se pela hipersensibilidade emocional ao presente. Estas atitudes podem impedir-nos de desfrutarmos do momento. O presente é “um dom” de Deus. Desfrute dele!

Cuidar do pensamento implica o uso inteligente, racional e consciente, dos enormes recursos da mente humana. Aprenda, ou reaprenda, a desfrutar do prazer de pensar. Independentemente da situação atual, saiba que a transformação da mente e do pensamento é possível. Reproduzo o conselho de um homem que foi um cidadão do mundo: sem esposa; viajante; sem residência fixa; foi preso; passou fome algumas vezes; passou por diversas dificuldades; e ainda tinha uma doença que o apoquentava – esse homem foi Paulo! Devido à sua larga experiência, com os homens e com Deus, mas, sobretudo, porque estava muito interessado no bem dos outros, recomendava: *“Não alimentem preocupações seja pelo que for; antes apresentem os vossos cuidados em oração perante Deus, exponham-lhe todas as vossas necessidades, sem esquecer de lhe expressar o vosso agradecimento. Então, a paz de Deus, que ultrapassa tudo quan-*

A mordomia cristã começa, indiscutivelmente, no pensamento. Se não souber gerir o pensamento, com o apoio e a maestria do Espírito, não conseguirá gerir mais nada na vida.

to a mente humana pode naturalmente compreender, conservará o vosso espírito e os vossos sentimentos em Cristo Jesus.” (Filipenses 4:6 e 7, *O Livro*.) Paulo convida-nos a fazermos um interessante exercício espiritual. Experimente! Ele diz que Deus pode fazer qualquer coisa que nos pareça impossível, e, ainda, “guardar os nossos sentimentos”. Quem pode dizer que é fácil controlar os sentimentos!?

Não podemos esquecer: fomos criados para andarmos com Deus. Uma mente que se alimenta e inspira na relação com o Criador refletirá a Sua imagem. Um rosto alegre e sereno é o reflexo de um coração em paz com o seu Senhor. Comprometa-se a ser morada do Espírito Santo – “*O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito, que somos filhos de Deus*” (Romanos 8:16) – e, nem os desafios da vida, nem a idade lhe roubarão a beleza. A mordomia cristã começa, indiscutivelmente, no pensamento. Se não souber gerir o pensamento, com o apoio e a maestria do Espírito, não conseguirá gerir mais nada na vida.

Poder pensar é um privilégio. Saber pensar é uma ciência. Pensar bem é uma arte. Alimente, exercite, discipline e aprenda a gerir os seus pensamentos. Comprometa-se a amar o Criador e a consagrar-Lhe todo o seu pensamento. Desfrute da felicidade de ser um mordomo do Deus Criador do Universo!

¹ <https://conceito.de/pensamento>.

² Ellen G. White, *Nomes de Jesus*, p. 12, ed. P. SerVir.

³ Augusto Cury, *O Mestre dos Mestres*, p. 127.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Augusto Cury, *O Mestre dos Mestres*, p. 129.

DIZIMAR DURANTE UMA CRISE



John Matthews
*Antigo Diretor do
Departamento de
Mordomia da Divisão
Norte-Americana*

*Retirado da Adventist
Review de junho de
2020.*

*A Pandemia do
Coronavírus varreu o
mundo, deixando para trás
uma devastação física,
emocional e financeira.
Este não é um tempo para
entrar em pânico, mas para
recordar a direção de Deus
no passado.*

A Pandemia do Coronavírus varreu o mundo, deixando para trás uma devastação física, emocional e financeira. Este não é um tempo para entrar em pânico, mas para recordar a direção de Deus no passado. A história do dízimo na Igreja Adventista do Sétimo Dia inclui três aspetos: a teologia, as preocupações para financiar a disseminação do Evangelho e o modo como uma crise pode afetar a forma como a Igreja lida com o princípio do dízimo.

Desde o começo da nossa Denominação, a pergunta era: “Como é que podemos financiar a disseminação do Evangelho e cuidar de obreiros que devotem a sua vida à causa?” A teologia estava estabelecida desde os meados do século XIX, mas o modo como a Igreja tem respondido às crises e tem implementado o princípio do dízimo é parte de uma discussão em curso. Através de tudo isso, a obra de Deus progride, financiada pelo dízimo e pelas ofertas.

O PÂNICO DE 1857

O movimento do Advento era muito jovem durante o Pânico de 1857.

DESDE O COMEÇO DA NOSSA DENOMINAÇÃO, A PERGUNTA ERA: “COMO É QUE PODEMOS FINANCIAR A DISSEMINAÇÃO DO EVANGELHO E CUIDAR DE OBREIROS QUE DEVOTEM A SUA VIDA À CAUSA?”

A maior parte dos historiadores crê que este começou com a falência da Companhia de Seguros de Vida de Ohio. Foi uma “crise de confiança”¹ que se espalhou por todos os Estados Unidos da América e pela Europa. Bancos colapsaram; os preços dos imóveis caíram; os preços do trigo tombaram; os títulos de valores mobiliários dos caminhos-de-ferro perderam o seu valor; e as companhias faliram; diversos negócios também faliram; e fábricas fecharam, à medida que “o castelo de cartas especulativo da economia se desfez em setembro de 1857”.² Centenas de milhares de trabalhadores foram despedidos. Alguns historiadores creem que a diferença económica entre o Norte e o Sul foi um dos gatilhos da Guerra Civil Americana.³

Antes de 1859, não havia nenhum plano regular de ofertas que suportasse o movimento do Advento. Os “irmãos pregadores”, como eram chamados então, estavam desencorajados, na pobreza e com pouca saúde. Recebiam hospedagem, um pouco de dinheiro para despesas de viagem e muito pouco salário, se é que recebiam algum. Os pregadores do Advento trabalhavam noutros trabalhos para sobreviverem e para fazerem avançar a mensagem do Advento tanto quanto lhes fosse possível.

Como é que o movimento do Advento podia ser sustentado organizacionalmente e fazer avançar a missão? Em 1859, uma comissão de três líderes foi escolhida para descobrir uma resposta a esta pergunta. Eles opunham-se ao conceito de dízimo, porque assumiam que essa obrigação tinha cessado na cruz. Dado que o movimento estava a começar a orga-

The Advent Review

AND SABBATH HERALD.

The Sermon.

Change the character, before the, and the Lord's subject, not
the shall, else the quick and the dead, at the judgment, not the
beginning; PREACH THE WORD. 1. Tim. 4:2.

SYSTEMATIC BENEVOLENCE, OR THE BIBLE PLAN OF SUPPORTING THE MINISTRY.

BY REV. D. M. CONNELL.

There will a man; rob (not) You ye have robbed
us, but ye say, We spent here we robbed there? In
this and nothing. You saw carried with a course; for
robbers robbed us, were the whole nation. Bring ye
as the wife into the stewardship, that there may be
seen in mine house, and give us use herewith,
with the Lord of hosts, if I will not open you the
windows of Heaven, and pour you out a blessing, that
ye shall not be room enough to receive it." Mal. 3:
10.

Seventeenth Adventists claim to be a Bible
people, both in doctrine and in practice.
Wherever the Bible clearly teaches, that
we claim to believe and practice. We
teach the Bible Sabbath; we practice Bible
teaching we worship the God of the Bible.
Being thorough reformers, we find it un-
necessary to disregard many of the customs and
prejudices of the sect around us. This is
especially true upon the important subject
of the proper mode of supporting the min-
istry.

O PÂNICO DE 1873

Ulysses S. Grant era o Presidente. As reservas bancárias foram abusadas devido às suas políticas; à inflação causada pelo investimento nos caminhos-de-ferro; ao efeito económico da guerra Franco-Prussiana; e aos fogos devastadores em Boston e Chicago.

Mas o maior impacto para a economia veio da Lei da Cunhagem, aprovada nos Estados Unidos da América, também conhecida como o “Crime de 1873”. Ela reduzia o montante de circulação de moeda, aumentava os juros dos empréstimos e prejudicava os agricultores e qualquer outra pessoa que estivesse seriamente endividada. Juntamente com os Estados Unidos da América, a Alemanha reduziu a monetarização da prata. Os investidores evitaram cumprir as suas obrigações de longo termo. Os bancos faliram.

O pânico financeiro afetou a Igreja. Os líderes reanalisaram “o Plano de Benevolência Sistemática” em que assentava o apoio financeiro da Igreja. Embora o princípio subjacente do plano fosse solidamente bíblico, já não era capaz de financiar o movimento do Advento. Em 1876, uma série de artigos da *Review* apresentaram “o Plano Bíblico para Apoiar o Ministério”, baseado em Malaquias 3:8-11. Eles enfatizavam a bênção divina procedente de se devolver a Deus aquilo que era d’Ele.

A jovem Igreja corrigiu a falha teológica. Ela passou de “aproximadamente um por cento anual do valor total da propriedade para dez por cento do rendimento efetivo”.⁵ Os artigos também sugeriam que evitar-se os muitos maus hábitos da época libertaria fundos que

nizar-se sob o padrão da “ordem evangélica”, o seu estudo do sistema de financiamento do Novo Testamento foi aplicado a este conceito.

A sua proposta estava baseada em I Coríntios 16:2; II Coríntios 8:12-14; 9:5-7. Esta proposta foi adotada pela Igreja e foi designada como o “Plano de Benevolência Sistemática (mais conhecida como ‘Sister Betsey’)”. Os membros colocavam de parte ofertas cada semana, que o tesoureiro da igreja recolhia em cada lar. Ao longo da década de 1860, o *Advent Review and Sabbath Herald* publicou muitos artigos sobre o tópico, pois os líderes viram-no como um plano vindo de Deus para salvar e proteger a Igreja da bancarrota. O plano da “Sister Betsey” continuou a desenvolver-se durante os vinte anos seguintes, mas o sistema tinha uma falha teológica.⁴

poderiam ser usados para pagar o dízimo.

Durante a década de 1880, os Adventistas aceitaram esta nova compreensão e este refinamento do princípio do dízimo. Ele respondia à pergunta: “Quanto devo eu dar para apoiar a pregação do Evangelho? ... Nós respondemos: ‘Um dízimo de todo o nosso rendimento’.”⁶

Seguindo o princípio da “casa do tesouro” do templo do Antigo Testamento, os líderes Adventistas consideraram que esse era o método ordenado por Deus para apoiar o ministério e a missão da Igreja. Na década de 1890, Ellen G. White escreveu: “O dízimo deve ser para os que trabalham na palavra e na doutrina, sejam eles homens ou mulheres”,⁷ e “o dízimo e as ofertas liberais” deveriam financiar as diferentes facetas da Igreja.⁸

O PÂNICO DE 1930

A Bolsa de Valores Norte-Americana afundou-se na “Quinta-feira Negra”, 24 de outubro de 1929, perdendo 90%

do seu valor. Isto levou ao desemprego maciço; à perda da habitação por parte de muitos; ao encerramento de bancos; às filas para o auxílio aos famintos; e às manifestações desses famintos. Não havia sistema de Segurança Social. Este falhanço, ligado a uma política monetária expansionista da Reserva Federal, provocou o que se veio a chamar a “Grande Depressão”, e que durou ao longo da década de 1930.⁹

As condições sem precedentes na Sociedade trouxeram uma importante contração financeira no apoio da missão mundial da Igreja e no apoio aos seus obreiros. A teologia do sistema do dízimo e das ofertas estava bem estabelecido, mas, em 1932, a sua importância notou-se. Pela primeira vez, o dízimo foi indicado como uma das crenças fundamentais da Igreja. O *Manual da Igreja* referia que “todos os oficiais de Igreja devem ser dizimistas” e os Anciãos deviam dar o exemplo na entrega do dízimo ou então deixar o cargo.



O compromisso com o fiel dizimar foi acrescentado aos votos batismais em 1951, onde ainda se encontra. À medida que a Grande Depressão se esbatia, o *Manual da Igreja* da década de 1950 mencionava que um obreiro que não dizimasse não deveria continuar como empregado denominacional, nem podia ser transferido para outra Associação (esta última cláusula foi, entretanto, eliminada).

A Igreja continua a refinar e a implementar a sua compreensão do sistema do dízimo, reconhecendo que ele não deve abarcar apenas o dízimo, mas deve ser considerado como o sistema do dízimo e das ofertas. O estudo teológico destacou a ideia de que as ofertas têm uma importância espiritual única, na medida em que o dízimo é requerido, mas as ofertas vêm de um coração grato.

Depois, discute-se se as ofertas deveriam ser baseadas numa percentagem e se não deveria ser mantido uma parte do dízimo na igreja local, para o ministério. Desnecessário é dizer que a aplicação e a distribuição do dízimo e das ofertas ainda estão em evolução.

A PANDEMIA DE COVID-19

O Coronavírus trouxe uma crise sanitária mundial, que tem causado uma catástrofe financeira de proporções sem precedentes. O confinamento mundial é diferente de qualquer outra crise que a Igreja tenha enfrentado. Os membros estão em quarentena, os serviços de culto realizam-se *online*, o distanciamento social é instituído e as viagens são restringidas. Tudo isto impactará a Igreja Adventista do Sétimo Dia e a sua Comissão Evangélica.

O confinamento mundial é diferente de qualquer outra crise que a Igreja tenha enfrentado. (...) Tudo isto impactará a Igreja Adventista do Sétimo Dia e a sua Comissão Evangélica.

O meu vizinho, um Pastor de outra Fé, disse: “A Igreja está a mudar. O Pastor fala para uma câmara e para a sua igreja que está *online*. Mais do que nunca, a pregação deve manter-se atenta.” Depois de fazer uma pausa, ele disse: “Gastamos tanto dinheiro em edifícios que não podem ser suportados. O dinheiro tem de ser gasto com as pessoas. Estamos a dirigir-nos para um modo novo e desconhecido de ‘fazer’ Igreja.”

A Sociedade muda durante as crises. As pessoas mudam durante as crises. A Igreja muda durante as crises. O dinheiro é o denominador comum que liga estas entidades. Alguns creem que a cultura nunca mais será a mesma. Poderá ser que a Igreja Adventista ao redor do mundo tenha que funcionar mais localmente e usar mais tecnologia para as comunicações.

Cada crise financeira resulta em menos dízimo, mas as mensagens dos três anjos serão vividas na vida dos crentes. A Covid-19 não discrimina pessoas, Culturas, raças, ricos ou pobres. Mas esta crise, como outras que a Igreja teve de enfrentar, não mudará a missão da Igreja, nem a sua compreensão escriturística sobre o dízimo e as ofertas.

As finanças da Igreja podem sofrer, mas Deus dar-nos-á novos meios de ministrar, coletiva e individualmente.



As finanças da Igreja podem sofrer, mas Deus dar-nos-á novos meios de ministrar, coletiva e individualmente. O dízimo e as ofertas têm a mesma intenção, hoje, que tinham quando James White declarou, em 1864, que eles devem “sustentar a proclamação da mensagem do terceiro anjo”.

O sistema de dízimo e de ofertas requer um compromisso espiritual e faz parte da nossa especial mundividência Adventista. O que mudará, e já mudou, é o modo como implementamos esse princípio como membros fiéis da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Como disse o meu vizinho pregador: “Estamos a

caminho de uma nova forma de ‘fazer’ Igreja.” Este novo caminho será determinado pela maneira como a Igreja pode financiar esse modo de “fazer” a Igreja, de “fazer” a escola e de “fazer” a missão.

“Deus espera que o Seu povo se una espiritualmente e se implique financeiramente para realizar os Seus objetivos. A tarefa global da Igreja é muito maior do que o esforço de Israel na manutenção do Templo. Com um tão grande desafio diante de nós, que cada ministro e cada membro assumam com todo o coração o espírito de Neemias: ‘Assim não desampararíamos a casa do nosso Deus’.”¹⁰

¹

John Fuller, economic-historian. com/2018/07/financial-instability-and-the-panic-of-1857/, acessado a 7 de abril de 2020.

²

John M. Murrin et al., *Liberty, Equality, Power: A History of the American People*, 2^a ed., Forth Worth: Harcourt Brace, 1999, vol. 1, p. 488, acessado a 3 de abril de 2020.

³

www.historynet.com/causes-of-the-civil-war, acessado a 3 de abril de 2020.

⁴

conversation.spectrummagazine.org/t/the-untold-tale-of-the-tenth-a-brief-history-of-adventist-benev-

olence-in-historical-context/15382, acessado a 7 de abril de 2020.

⁵

Arthur L. White, *The History and the Use of the Tithe: Highlights of the Beginning of the Tithing System*, in https://whiteestate.org/legacy/issues-tithe-h_u-html/.

⁶

Declaração preparada pelo comitê designado na Conferência Geral de 2 a 13 de outubro de 1878 (constituído por James White, D. M. Canright, S. N. Haskell, J. N. Andrews, Uriah Smith) – *Systematic Benevolence: The Bible Plan Supporting the Ministry*, Battle Creek: Seventh-day Adventist Publishing Association, 1878.

⁷

Ellen G. White, *Evangelismo*, Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1959, p. 492.

⁸

Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, vol. 4, pp. 462-476.

⁹

David Hamilton, “The Causes of the Banking Panic of 1930: Another View”, *Journal of Southern History* 51(4), 1985, pp. 581-608.

¹⁰

Frank B. Holbrook, “Gospel Finance: Pulling Together”, *Adventist Review* 3 de março de 1988, p. 11.



—
Tim Poirier
*Vice-Diretor do Ellen G.
White Estate*

*Retirado da revista Adventist
World de maio de 2010.*

O ELLEN G. WHITE ESTATE

O Ellen G. White Estate
*é uma organização que
foi criada para cumprir as
disposições do testamento de
Ellen G. White.*



Já leu recentemente algum novo livro de Ellen G. White? Talvez esteja a pensar: Ellen G. White morreu em 1915; como pode haver “novos” livros dela?

Preparar novos livros a partir dos seus escritos é apenas uma das tarefas que Ellen G. White atribuiu àqueles que ela designou especificamente para cuidarem dos seus escritos após a sua morte. No fim da sua vida, Ellen G. White percebeu que não viveria o suficiente para ver o regresso do seu Salvador, mas também percebeu que as instruções que ela tinha recebido durante o seu ministério de 70 anos teriam ainda valor muito tempo após o seu falecimento. Assim sendo, ela tomou medidas no seu testamento para garantir a continuidade deste trabalho.

O QUE É O ELLEN G. WHITE ESTATE?

O *Ellen G. White Estate* é uma organização que foi criada para cumprir as disposições do testamento de Ellen G. White. Originalmente localizava-se no último lar de Ellen G. White, *El-*

mshaven, no Norte da Califórnia, nos Estados Unidos da América, mas hoje o seu escritório está localizado na sede mundial da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em Silver Spring, Maryland, Estados Unidos da América.

O que pediu Ellen G. White aos curadores do seu património para fazerem por ela após a sua morte? Primeiro, pediu-lhes para preservarem fisicamente os seus livros, as suas cartas e os seus manuscritos, tendo em vista o benefício da Igreja. Segundo, pediu-lhes para funcionarem como seus agentes em questões de publicação, como a gestão de direitos de autor; a melhoria dos seus livros; a preparação de novas publicações e de novas traduções. Ao longo dos anos, o *Ellen G. White Estate* tem assumido outras responsabilidades de serviço em favor da Igreja mundial, incluindo o fornecimento de informações sobre Ellen G. White e sobre a herança Adventista a todos os membros de Igreja, Pastores e Administradores que as solicitam.

COMO É QUE ESTES VÁRIOS SERVIÇOS O BENEFICIAM?

Preservar. Ninguém poderia beneficiar das mensagens proféticas de Ellen G. White, se elas não tivessem sido preservadas. Todos os seus escritos conhecidos, incluindo os esboços manuscritos que sobreviveram, estão protegidos num cofre à prova de fogo com seis por 13 metros, que está localizado no escritório principal do *White Estate*. Estes materiais não estão guardados num cofre para os tornar inacessíveis, mas para que a mensagem de Ellen G. White possa

ser preservada em segurança para o estudo presente e futuro. Os visitantes são bem-vindos ao *White Estate*, onde podem ter acesso não apenas às cartas e aos manuscritos de Ellen G. White, mas também a edições antigas dos seus livros e a muitos jornais e revistas antigos – incluindo uma coleção completa da *Adventist Review*, de 1850 até ao presente.

E se o Leitor viver no México, na Índia ou nas Filipinas? Não tem de viajar até aos Estados Unidos da América para aceder a estes materiais. O *White Estate* tem Centros de Pesquisa em 19 Universidades Adventistas ao redor do mundo. Nestes Centros, estão réplicas de todos os escritos de Ellen G. White, juntamente com milhares de páginas de recursos históricos relacionados com eles. Os Centros de Pesquisa estão ao serviço dos membros da Igreja mundial que pretendem estudar o pensamento de Ellen G. White ou temas relacionados com a herança da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Pode planear uma visita a um destes Centros. Para uma lista completa dos países que abrigam um destes Centros, visite www.WhiteEstate.org/about/estate.asp#research.

Publicação. Para além de tornar disponíveis os conselhos que Ellen G. White publicou para os membros de Igreja dos seus dias, o *White Estate* também produz novos livros, designados “compilações”, contendo material que Ellen G. White não publicou durante a sua vida. Esta é uma das tarefas que Ellen G. White pediu aos curadores do *White Estate* para realizarem. Livros como *Evangelismo* ou *Conselhos sobre Mordomia* reúnem conveniente-

Em 1848, Ellen G. White recebeu uma visão que mostrava que as verdades de Deus seriam como raios de luz a rodear o Globo. Mal podia ela imaginar como a Tecnologia de hoje cumpriria de modo ainda mais claro essa promessa durante a nossa geração. Não deixe de viver essa luz hoje!

mente numa só publicação a essência das instruções de Ellen G. White sobre um determinado tópico. Além disso, de cinco em cinco anos é publicado um livro de Meditações Matinais tendo em vista aprofundar a relação dos membros de Igreja com Deus.

Os Leitores que se debatem com o estilo de escrita do século XIX peculiar a Ellen G. White deveriam considerar adquirir uma das adaptações modernas editadas pelo *White Estate* que procuram preservar a sua mensagem ao mesmo tempo que “traduzem” o seu vocabulário e a sua sintaxe menos familiar para a linguagem de hoje.

Para além da página impressa, o *White Estate* produziu uma edição eletrónica de todas as obras publicadas, em inglês, de Ellen G. White. Esta edição está livremente acessível no site do *White Estate* (www.WhiteEstate.org), ou pode ser adquirida por um preço acessível sob a forma de CD-ROM. Estão a ser realizados esforços

para colocar no *site* todas as traduções possíveis dos escritos de *Ellen G. White*, bem como livros áudio e livros sob a forma de MP3. O “Projeto Ligar a Jesus”, patrocinado pela Conferência Geral, com a assistência do *White Estate*, distribuiu dez dos principais livros de Ellen G. White a mais de dois milhões de famílias Adventistas ao redor do mundo.

Informar. Embora Ellen G. White não tenha especificado no seu testamento, a Igreja pediu ao *White Estate* para responsabilizar-se pela tarefa de familiarizar os membros de Igreja com a herança Adventista, em geral, para além do ministério profético de Ellen G. White, em particular. O *White Estate* usa vários meios neste processo, como o seu *site* na internet; seminários; *workshops*; artigos; livros (como o livro *Mensagem do Senhor*); CD-ROMs; a revista para crianças *Visionary*; visitas guiadas sobre a história Adventista; e programas no *Hope Channel* da Igreja (como *Gift of Light*).

Recursos gratuitos na internet. O *site* do *White Estate* tem mais de 75 000 páginas de escritos publicados de Ellen G. White disponíveis para serem estudadas e consultadas. Pode descarregar um guia de estudo gratuito ou uma história dos Pioneiros dramatizada. Pode subscrever o “Pensamento do dia” que é enviado por *email*.

Talvez a sua igreja esteja a considerar arrendar as suas instalações a outra Denominação e se interrogue se Ellen G. White deu alguma instrução sobre essa questão. Suponha que quer aprender mais sobre o barco missionário *Pitcairn*, ver fotografias das nossas primeiras Instituições de saúde ou descobrir que cartas ainda existem de Pioneiros como S. N. Haskell ou A. T. Jones. Pode encontrar as respostas a todos estes seus interesses – e muitas outras – no *site* do *White Estate*.

Assegure-se de que explora os milhares de itens incluídos no novo Centro de Recursos Digitais (<http://drc.WhiteEstate.org/>). Escave os tesouros da nossa herança Adventista e descubra respostas para as perguntas mais comuns ou mais obscuras – incluindo sobre os *sites* da *internet* que atacam a Igreja ou Ellen G. White. Visite o nosso *site* regularmente e verifique por si mesmo todos os recursos à sua disposição. Pense também em visitar o novo *site* com todos os escritos de Ellen G. White em várias línguas (beta.egw writings.org).

Em 1848, Ellen G. White recebeu uma visão que mostrava que as verdades de Deus seriam como raios de luz a rodear o Globo. Mal podia ela imaginar como a Tecnologia de hoje cumpriria de modo ainda mais claro essa promessa durante a nossa geração. Não deixe de viver essa luz hoje!





“Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior.” – EGW, Evangelismo, p. 257.

DIZIMAR SEMPRE

“Deus deu orientações especiais sobre o emprego do dízimo. [...] A porção que Deus reservou para Si não deve ser desviada para nenhum outro propósito senão aquele que Ele especificou. Que ninguém se sinta na liberdade de reter o dízimo, para usá-lo segundo o seu próprio pensamento. Não devem usá-lo para si próprios numa emergência, nem aplicá-lo da maneira que lhes pareça mais adequada, mesmo no que consideram ser a obra do Senhor. [...]”

“Deus deseja que todos os Seus mordomos sejam exatos em seguir os planos divinos. Não os devem alterar para praticar ações de caridade, dar algum donativo ou oferta quando ou como eles, os agentes humanos, acharem oportuno. É um deplorável método da parte dos homens procurarem melhorar os planos de Deus, substituindo as reivindicações do Senhor pelo conjunto das suas ofertas. [...]”

“Foi-me dada uma mensagem muito clara, definida, para o nosso povo. É-me ordenado dizer-lhes que estão a cometer um erro em aplicar os dízimos em vários fins, que, embora bons em si mesmos, não são o objetivo ao qual o Senhor disse que o dízimo deveria ser aplicado. Os que assim fazem, estão a afastar-se do plano de Deus. Ele os julgará por isso.

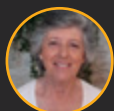
“Um pensa que o dízimo pode ser aplicado para fins escolares. Outros ar-

gumentam que os Colportores devem ser sustentados com o dízimo. Mas um grande erro é cometido quando o dízimo é retirado do fim para o qual deve ser usado – o sustento dos Ministros. [...] O dízimo é sagrado, reservado por Deus para Si mesmo. Deve ser trazido ao Seu tesouro, para ser usado em manter os obreiros do Evangelho no seu trabalho. Durante muito tempo o Senhor tem sido roubado, porque há quem não perceba que o dízimo é a porção reservada de Deus.

“Alguns ficam insatisfeitos e dizem: ‘Não pagarei mais o dízimo, porque não confio na maneira como as coisas são administradas na sede da obra.’ Roubarão a Deus, porque pensam que a administração da obra não é correta? Apresentem a vossa queixa franca e abertamente, num bom espírito, a quem de direito. Orem para que as coisas sejam corrigidas e colocadas em ordem; mas não se afastem da obra de Deus, nem se mostrem infiéis porque outros não estão a fazer o que é correto.

“Leiam atentamente o terceiro capítulo de Malaquias, e vejam o que Deus diz a respeito do dízimo. Se as nossas igrejas se apoiarem na Palavra do Senhor, e forem fiéis em pagar o dízimo ao Seu tesouro, mais obreiros serão encorajados a assumir o ministério pastoral. [...] Cada membro da Igreja deve ser ensinado a ser fiel em pagar um dízimo honesto” (T9, pp. 246-251).

EU E A MINHA AMIGA CIGANA JOSEFA



Helena Marques
IASD de Ponte de Sor

*Quantas vezes
passamos pelas
pessoas sem parar;
quantas vezes as
olhamos sem as ver...*

Quem vive em Ponte de Sor e já passou pelos hipermercados aqui existentes com certeza conhece-a. É difícil não reparar naquela mulher alta que por ali se encontra, de aspeto um tanto desleixado, como é natural em quem vive numa tenda improvisada com plásticos presos nas árvores, e onde, quando chove, a água entra por cima e passa por baixo. Figura um tanto controversa. Alguns dizem que tem dinheiro, outros dizem que tem uma suposta casa numa vila próxima. Será? Pode ser que sim ou que não.

Chamo-lhe amiga em jeito de brincadeira, sendo que, não sei como, ela descobriu como eu me chamava. Desde então, sempre que me vê chama por mim alto e em bom som, o que leva as pessoas a olharem para mim de uma forma estranha. Já o filho, o António, um rapaz na casa dos vinte anos, com algum tipo de leve distúrbio, faz o mesmo. Tenho que confessar que, às vezes, fico embaraçada com tão efusivos cumprimentos, mas, por outro lado, sinto-me agradada, talvez por alguém pronunciar o meu nome de um jeito tão cordial. Dizem os entendidos que a palavra que nós mais gostamos de ouvir é o nosso nome. Talvez seja por isso.

Mas nem sempre fomos amigas, eu e a Josefa. Uma vez, devido a um mal-entendido, ela foi muito desagradável comigo em público. Chegou até a rogar-me uma praga (coisas da cultura cigana), o que não me afetou em nada. Assim, durante uns tempos, ignorámo-nos mutuamente. Mas, cada vez que eu ia ao supermercado, lá estava ela, sentada no chão, à porta, à espera das moedinhas dos que passavam. Pessoalmente, nunca lhe dei dinheiro. Normalmente, pergunto do que ela precisa e ajuda como posso. Então, tantas vezes passei por ela que voltei novamente a trazer-lhe alguma coisa da loja, embora sem lhe perguntar do que precisava. E foi assim que começámos novamente a ter um relacionamento mais amistoso.

Há alguns meses, ela começou a andar meio cabisbaixa. Ia ao médico aqui, no Centro de Saúde, e começou a correr os hospitais, a fazer exames. Às vezes, percebia-se que ela realmente devia estar doente. Eu ia perguntando se ela estava melhor, se já tinha feito os exames, o que o médi-

co tinha dito, enfim, o tipo de perguntas que naturalmente se fazem, às vezes sem grande significado; outras vezes porque verdadeiramente nos interessamos pelas pessoas. Eu não estava verdadeiramente preocupada com ela – no sentido de pensar que ela teria alguma coisa grave – mas, quando eu orava, lembrava-me dela, pedia por ela. Assim foi passando o tempo. Ultimamente, ela até dizia que andava melhor e eu deixei até de me preocupar, pensando que o que quer que fosse tinha passado.

Deixei de a ver por uns tempos. Mas hoje voltei a encontrá-la. Lá estava ela, sentada à porta, de manhã cedo. Pareceu-me abatida, talvez por ser ainda cedo e estar frio, e também me pareceu um pouco mais desleixada, mais desprendida, mas procurei cumprimentá-la logo bem animada, tentando de alguma forma aligeirar o seu semblante. Mas, eu não estava de todo preparada para o que veio a seguir e fui apanhada de surpresa. “Não estou muito bem, D. Lena. Fui ao médico e agora tenho que ir a Coimbra para ser operada ou fazer uns tratamentos de que não sei dizer o nome. Tenho um mioma maligno.” Ao dizer isto, as lágrimas começaram a correr pelo seu rosto. “E eu não tenho fé nenhuma.” Queria ela dizer que não acreditava que se curasse. E chorava. Eu fiquei ali por instantes, sem saber o que dizer, como se tivesse levado um soco no estômago. De repente, eu e ela ficámos como que numa bolha. Ela a chorar, eu tentando confortá-la e dar-lhe algum ânimo. As pessoas entravam e saíam. Provavelmente olhariam para nós e achariam a cena meio estranha. Disse-me ela: “Sabe, eu até já me quis matar, mas o meu filho viu-me e começou a dizer-me: Não faças isso, senão o que há de ser de mim?” E ela chorava. Não me

pedia nada, não queria nada, nem sequer tentava enganar-me, como às vezes fazia e eu às vezes até deixava. Ela simplesmente estava ali, apenas uma mulher desamparada e sem esperança, uma mulher fragilizada e que não tinha provavelmente ninguém que fosse capaz de entender o seu drama, os seus medos. Conforme pude, procurei dar-lhe ânimo e alguma confiança em Deus, que tudo pode e que está disposto a fazer por nós mais do que aquilo que nós merecemos. Mas não me foi fácil. Nunca é fácil tentar calçar os sapatos do outro. Sentir a dor do outro requer algo de nós que não nos é natural. São momentos em que sentimos a nossa pequenez, a nossa incapacidade, a nossa impotência, a nossa frustração perante as injustiças da vida, que podem acontecer a qualquer um, até mesmo à cigana Josefa.

Quantas vezes passamos pelas pessoas sem parar; quantas vezes as olhamos sem as ver, porque vivemos com pressa, fechados no nosso pequenino mundo pessoal, completamente alheados ou alienados das Josefas que passam por nós, às vezes dentro da nossa casa, dentro da nossa igreja, dentro do nosso local de trabalho ou quando nos cruzamos na escada do prédio...

Que Deus nos ajude a estarmos atentos àqueles que passam por nós. Não porque amanhã posso ser eu a Josefa (sinceramente acho essa ideia ou esse motivo um pouco pequeninos), mas apenas porque é o mínimo que se pode pedir a pessoas com consciência moral. Lembrando-nos sempre das palavras d’Aquele que é o exemplo por excelência e que disse: “sempre que o fizerdes a cada um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25:40).



PÁGINA da Família

“Encontra-se desde há dias, na Metrópole, o primeiro-cabo enfermeiro João Manuel Ferreira de Sá, por ter sido distinguido com o prémio Governador-Geral de Angola. No louvor que fundamentou a concessão do citado prémio, refere-se que aquele militar, quando fazia parte de uma coluna que se deslocava no Norte de Angola, ocorreu prontamente, sob intenso fogo inimigo, a prestar socorros a um camarada ferido pelo rebentamento de uma mina. Quando assistia ao ferido, sempre debaixo de fogo, foi atingido no braço por uma bala inimiga, o que não o impediu de continuar a sua tarefa, até concluir o tratamento ao seu camarada. Só então permitiu receber ele próprio assistência e que lhe fosse extraído o projétil. O primeiro-cabo enfermeiro Ferreira de Sá, recebido pelo Ministro do Exército, é condecorado com a medalha da Cruz de Guerra de 4ª classe.”¹

Um velho papel de jornal, com quase sessenta anos, faz-me recordar os tempos de infância, quando, de olhos esbugalhados e boca aberta, curiosa e apreensiva, ouvia, junto com o meu irmão, as inúmeras histórias de guerra contadas pelo nosso pai. Aquelas guerras de outrora que, como as guerras de agora, nos envergo-



Maria da Luz Cordeiro
Diretora da Área Departamental da Família da UPASD

nam por terem existido. Mas existiram, existem, existirão e continuarão a deixar marcas profundas naqueles que tiveram, têm e terão a infelicidade de nelas participar. Marcas psicológicas e físicas, que trouxeram, e trazem, a necessidade de ajuste, de adaptação e de superação, não só dos sobreviventes, mas também dos seus familiares. Posso ver no braço do meu pai a marca do tal projétil e, mesmo passados muitos anos, esta história não deixa de me causar espanto.

Na noite anterior a esta emboscada, o meu pai teve um sonho “estranho” que o impressionou a pedir, a quem de direito, uma arma. Enquanto soldado enfermeiro, nunca até aquele momento tinha levado consigo uma. Mas nessa manhã, por alguma “razão”, a sua mente faz-lhe esta proposta “estranha”. Horas mais tarde, quan-



Fotografia: Unsplash.stijn swinnen

A ARMA

do o ataque acontece, impulsionado pela responsabilidade de socorrer um colega que tinha sido ferido, o instinto de ajuda fá-lo ficar também à mercê do inimigo. No fogo cruzado, apercebe-se de que balas inimigas se aproximam e de que está na mira certa do fogo adversário. Num cenário caótico de guerra, onde o coração é tomado pela angústia, pela impotência e pela certeza de que a morte está perto, nesse instante, o meu pai ouve o sonante grito de alerta de um colega militar: “A arma, enfermeiro! A arma!” Verdade... Porque não era habitual levar uma arma, o meu pai tinha-se esquecido de que tinha uma. Prontamente, dispara durante alguns segundos no sentido contrário. Afinal, a arma esquecida fora a chave da vida!

Mais do que nunca, percebemos que todos estamos envolvidos numa guerra. Seja ela física, psicológica ou espiritual. Tudo à nossa volta parece mirar e disparar de forma certa contra os valores e os princípios outrora instituídos por Deus, para bênção do indivíduo, da família e da Sociedade. Tudo se está a desmoronar. Esta guerra não tem compaixão, não tem intervalos. Este Grande Conflito, quase no seu termo, torna-se feroz e incessante, sobretudo contra aqueles que, tocados pelo Espírito de Deus, correm prontamente a socorrer outros que estão à sua volta. Entre fogo cruzado de ideias, filosofias, ideologias e conceitos erróneos disparados com o objetivo de abater aqueles que se alistaram no exército de Cristo, torna-se urgente ouvirmos o sonante grito de alerta que o Senhor dirige às famílias, à sua Igreja, ao Seu povo: “A arma, meus filhos! A arma!”

“Não só de pão viverá o homem, mas de toda a Palavra que procede da boca de

Deus.”² “Lâmpada para os meus pés é a tua Palavra, e luz para o meu caminho.”³ “Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade.”⁴ Os “tiros” do inimigo são pensados, orientados e intencionais. Seguramente, algures, já fomos atingidos e magoados. Nalgum momento, na nossa mente, no seio da nossa família ou no nosso local de trabalho, pensámos não ser capazes de prosseguir, porque o cenário é caótico. Desanimados, cansados e confusos, tentámos fazer face à diabólica guerrilha com o nosso arsenal humano do “eu acho”, “eu penso”, “eu quero”, “eu preciso”, “eu sinto”. E continuámos prostrados, feridos e inertes nas trincheiras da vida, porque nos esquecemos de que “a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”.⁵ Portanto, meus companheiros de jornada, soldados de Jesus, lembrem-se da Arma, meus estimados! Não nos esqueçamos da Arma! Neste mundo, onde as trevas são cada vez mais densas, o Espírito fortemente nos impressiona que este é o tempo de não mais pensarmos, de não mais falarmos, de não mais agirmos, de não mais vivermos, sem a Arma! Retiremos da Bíblia Sagrada as forças perdidas, a coragem esbatida e a alegria esquecida.

Condecorados pelos méritos da “medalha” da Cruz de Cristo e guiados pelo Seu Espírito, defendamo-nos com a Arma, protejamo-nos com a Arma e inspiremos com a Arma.

¹ *Jornal Local*, Arcozelo, 1963.

² Mateus 4:4.

³ Salmo 119:105.

⁴ Efésios 6:14.

⁵ Efésios 6:12.

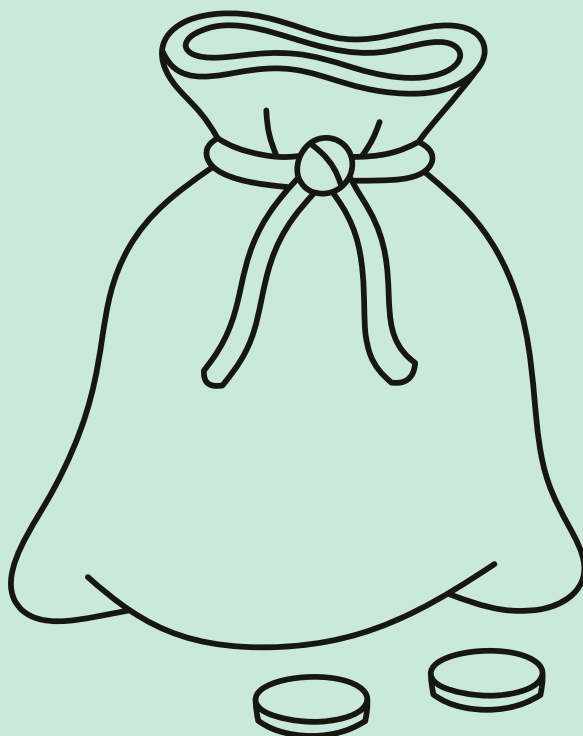


Paula Amorim
*Diretora-Associada
da Área da Família
da UPASD para os
Ministérios da Criança*

ABRÃO ENTREGA O DÍZIMO

(GÊNESIS 14:10-20)

**Desenha mais moedas
e, depois, pinta apenas
o dízimo delas.**



» VERSÍCULO 3D «

**“deu Deus a tudo dízimo o Abrão de”
[Gênesis 14:20].**

Ordena as palavras e descobre o que fez Abrão.

“ _____ ”

» HISTÓRIA 3D «

Abrão estava muito preocupado. Loth e a família tinham sido levados prisioneiros por um rei vizinho. Abrão tinha que agir rapidamente, para salvar a família do seu sobrinho Loth. Ele sabia que não podiam vencer sozinhos esta batalha, porque o exército do rei era muito forte e ele não era guerreiro, mas uma coisa ele sabia: podia confiar em Deus. Ele escolheu 318 homens fortes, e, antes de partirem, orou a Deus, dizendo: “Senhor, ajuda-nos a fazer o que é certo para libertarmos Loth e todos os prisioneiros. Eu não preciso de dinheiro. Se ganharmos, apenas quero que todas as pessoas fiquem bem!”

Com muita coragem, rodearam o acampamento onde os soldados dormiam sem vigias e os inimigos foram facilmente vencidos. Logo Abrão abraçou Loth e a família com muita alegria! E, agora, todos voltaram salvos para casa, com os tesouros de guerra que tinham sido roubados pelos inimigos. Mas a história não termina aqui... Lembras-te de que Abrão não pediu riquezas, mas apenas queria salvar as pessoas? A caminho de casa, dois reis recebem Abrão: o rei a quem pertenciam as riquezas e Melquisedeque, sacerdote de Deus, que lhes trouxe alimento para lhes repor as forças. Achas que Abrão iria guardar tudo o que tinha conquistado? Não. Ele era um homem de Deus honesto e generoso. Ele obedeceu a Deus e entregou as riquezas ao rei a quem pertenciam, pagou o serviço aos homens que o acompanharam e devolveu a Melquisedeque o dízimo de tudo o que tinha recuperado em agradecimento a Deus.

» DESCOBRE MAIS «

A Bíblia ensina-nos a fazer uma boa administração dos bens que Deus nos dá. Deus dá-nos tudo do que precisamos e pede-nos para devolvermos uma décima parte de tudo o que Ele nos dá. Essa décima parte é chamada na Bíblia “dízimo”. Imagina que fizeste um trabalho e recebeste um Euro. A parte a dar a Deus é 10 cêntimos e tu ficas com 90 cêntimos. Mesmo tudo sendo de Deus, Ele pede-nos uma parte mínima, que servirá para espalhar a Palavra de Deus entre outros que precisam de conhecer o amor de Deus. Lê estes versículos e verifica como Deus abençoa o que n’Ele confia e Lhe devolve o dízimo:

Jacob (Génesis 28:22; 30:29 e 30) – Jacob entregou o _____ e Deus _____ e _____ Labão.

O menino (João 6:1-15) – O menino entregou tudo o que tinha e Jesus alimentou _____ pessoas.

A Igreja (Malaquias 3:10) – Tragam os _____ à _____ e Deus dará tanto que não teremos lugar para receber tudo.

» DESENVOLVE SEMPRE «

Para utilizarmos bem o dinheiro, precisamos de ser sábios e generosos. Para sermos sábios na gestão do dinheiro, temos que pensar em dar dízimo e ofertas, guardar para poupar, tendo em vista um objetivo ou uma necessidade e gastar no que precisamos. Ao fazeres uma folha com estas três colunas, podes ver como estás a gerir o teu dinheiro de forma sábia e generosa.

» DÁ-TE À MISSÃO «

Arranja um saco com três bolsas e em cada bolsa coloca as três palavras: “dar”, “guardar” e “gastar”. Desta forma, podes separar o teu dinheiro facilmente. E cada Sábado, quando fores à igreja, já tens a tua oferta preparada.

» ATIVIDADE 3D «

Abrão era um grande homem de Deus e entregou o dízimo da vitória a um homem especial. Um homem que ninguém sabia de onde vinha, que não tinha pai nem mãe, nem filhos nem esposa, mas que era um sacerdote de Deus. Para descobrires o nome dele, resolve o enigma. Descobre as palavras e, no final, junta as sílabas que se encontram nos círculos verdes.

1. Alimento fabricado pela abelha.



2. Último livro do Velho Testamento.



3. O contrário de molhado.



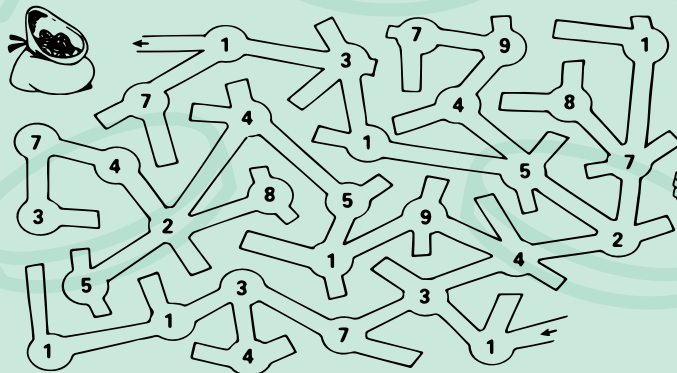
4. O que temos nas mãos.



5. Comida preferida dos ratos.



Ajuda Abrão a entregar o dízimo ao sacerdote Melquisedeque. Soma os números do caminho e descobre quantos quilos pesava o saco de moedas.





Sessão da Conferência Geral adiada pela segunda vez

12 JAN 2021 ANN/RA

Pela segunda vez em 10 meses, os membros do Comitê Executivo da Igreja Adventista do Sétimo Dia votaram o adiamento da Sessão quinzenal da Denominação, que estava originalmente marcada para junho de 2020. Este adiamento deve-se aos desafios colocados pela Pandemia da Covid-19. De facto, os membros do Comitê Executivo (EXCOM) originários de todo o mundo reuniram-se no dia 12 de janeiro de 2021 através do *Zoom*, tendo ouvido os relatórios da Administração mundial da Igreja, dos especialistas médicos da Igreja, dos coordenadores logísticos e dos advogados da Denominação. Foi discutida a praticabilidade de manter a sessão da Conferência Geral para 20-25 de maio de 2021 em Indianápolis, EUA. A persistência da mortal Pandemia de Covid-19 e o seu impacto na Saúde Pública, nas viagens aéreas e na disponibilidade de vistos de entrada nos EUA persuadiram o EXCOM a adiar a Sessão da Conferência Geral para 6-11 de junho de 2022, também em Indianápolis. Este adiamento está em confor-

midade com a Constituição da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Peter Landless, diretor dos Ministérios da Saúde da Igreja Adventista mundial, partilhou estatísticas atuais sobre a Covid-19 e alertou para o perigo de se promover uma reunião tão ampla como a que ocorre na Sessão da Conferência Geral. Assim, ele recomendou o adiamento dessa Sessão, pois não viu outra alternativa racional. Sheri Clemmer, que faz parte da comissão de planeamento da Sessão da Conferência Geral, apresentou os desafios atuais que se colocam à organização de uma grande reunião com delegados de todo o mundo. G. T. Ng, Secretário-Executivo da Igreja Adventista mundial, apresentou dados colhidos junto da liderança das Divisões mundiais da Igreja sobre a probabilidade de os respetivos delegados serem capazes de estar presentes na Sessão da Conferência Geral marcada para maio de 2021. Concluiu que muitos impedimentos logísticos impedem seriamente a possibilidade de tal comparência. Ele referiu também a impossibilidade estatutária de se realizar uma Sessão da Conferência Geral por via eletrónica. Tim Northrop, Presidente da Gestão de Risco Adventista, esboçou os vários riscos que poderiam tornar-se numa realidade, caso o EXCOM não adiasse a sessão programada para 2021.

Depois das exposições e da discussão, foi posta a votação eletrónica a recomendação de se adiar a data da Sessão da Conferência Geral para junho de 2022. A moção foi aprovada com 185 votos a favor e nove contra.



Os Dez Dias de Oração impactam dezenas de milhares de Adventistas

19 JAN 2021 ANN/RAA

Os Dez Dias de Oração, um humilde movimento que começou na Califórnia em 2007, tornaram-se numa iniciativa global anual da Igreja Adventista mundial. Anteriormente conhecido como “Operação Chuva Global”, o programa começou quando Ivor Myers, um Pastor na Associação da Califórnia Central, organizou um evento de oração de dez dias que reproduzia a experiência da Igreja Apostólica relatada no segundo capítulo de Atos. Várias outras igrejas decidiram replicar o evento. O resultado desta iniciativa de oração foi extraordinário. Todas as congregações que participaram experimentaram um reavivamento.

Alguns anos depois de ter começado a Operação Chuva Global, as notícias de um reavivamento em curso na Califórnia e noutros Estados dos EUA chegaram até ao Comité de Reavivamento e Reforma da Conferência Geral. Os membros deste Comité acharam que esta iniciativa seria bem recebida a nível mundial, pelo que, em 2011, o Comité-Executivo da Conferência Geral votou a adoção dos Dez Dias de Oração da Operação Chuva Global como uma iniciativa para a Igreja mundial.

O movimento de oração cresceu exponencialmente desde o seu começo em 2007. Este ano, cerca de 82 583 participantes oriundos de 212 países registaram-se para receber os *emails* diários com o foco de oração de 6 a 16 de janeiro.

Os tópicos para oração têm variado ao longo dos anos. Em resultado da participação na iniciativa, têm sido partilhados testemunhos vindos de todo o mundo sobre vidas transformadas através do poder da oração. Congregações em todo o mundo têm experimentado o reavivamento e a reforma a partir dos dez dias de oração.

Se faltou a participação nos Dez Dias de Oração deste ano, não é tarde de mais para aceder aos materiais tendo em vista o seu uso pessoal ou o uso num Pequeno Grupo. Visite o [site ten-daysofprayer.org](http://site.tendaysofprayer.org) para obter materiais em múltiplas línguas.



ADRA presta assistência nos terremotos da Indonésia

21 JAN 2021 ANN/RA

Três terremotos sucessivos abalaram a região de Sulawesi Ocidental, na Indonésia, de 14 a 16 de janeiro do presente ano, atingindo a magnitude de 5.9, 6.2 e 5.0 na escala de Richter. Os distritos de Mamuju, Majene e Poliwali foram impactados com mais severidade, ten-



do ficado feridas 932 pessoas e tendo morrido 84 pessoas. Os terremotos, que ocorreram às 14:35, 1:28 e 8:32, causaram deslizamentos de terras que bloquearam as estradas em algumas áreas. Cerca de 1100 casas foram destruídas, incluindo a casa do Governador da região.

Clinton Rappell, diretor nacional da ADRA na Indonésia, afirmou que esta Agência Humanitária está a trabalhar com outras ONGs para ajudar a coordenar os esforços de auxílio humanitário. A ADRA forneceu *kits* de abrigo para cerca de 2000 pessoas. Estes *kits* incluem painéis para serem usados

como paredes e tetos, lençóis e cobertores para camas. “Nós estamos também a colaborar com as igrejas Adventistas no distrito de Mamuju e com uma organização da juventude Adventista designada como Serviços de Emergência da Juventude, de modo a providenciar auxílio aos membros da nossa Igreja, como abrigos, alimentos, *kits* de higiene e medicamentos”, disse Rappell.

A Indonésia é frequentemente afetada por terremotos porque está localizada no Anel de Fogo, um arco de vulcões e de falhas geológicas na bacia do Oceano Pacífico. A maioria dos terremotos do mundo ocorre nesta região.

NOTÍCIAS NACIONAIS



Batismo de quatro preciosas almas em Carregal do Sal

01 DEZ 2020 | SIDÓNIO LANÇA,
PASTOR DA IASD DE CARREGAL DO SAL

O Sábado 26 de setembro, apesar dos condicionalismos por causa da Pandemia, foi um dia de festa. Tudo porque teve lugar, na igreja de Carregal do Sal, uma cerimónia batismal, coisa que já não acontecia há alguns anos. Tudo foi preparado, com muito esmero e dedicação, para o batismo dos seguintes novos cren-

tes: Manuel Marques Antunes, Maria Luísa Brás dos Santos Martins Andrade, Antonino Alves Maravilha e Isaura Maria Pais Prata Maravilha. Quatro preciosas almas que, ao longo de vários meses e, em alguns casos, de vários anos, fizeram a sua preparação para dar este passo tão importante na sua vida. Todos eles têm uma história, que passo a resumir.

O irmão Manuel recebeu a mensagem há já alguns anos, juntamente com a sua esposa. Ela logo se decidiu pelo batismo, mas ele foi adiando. Muitos apelos foram feitos, mas uma luta interior se travava que o impossibilitava de tomar uma decisão por Cristo. No entanto, o Espírito não o abandonou. Um dia, o Senhor falou mais claramente ao seu coração e, depois de uma abordagem em que eu lhe anunciava a data dos próximos batismos, o Manuel

confidenciou-me que agora estava decidido a dar esse passo. Hoje, pela graça de Deus, tivemos o privilégio de o mergulhar nas águas batismais.

A Luísa é um caso paradigmático de Discipulado, em que o testemunho prático do amor pelo próximo dá sempre os seus frutos. Trabalhando numa Instituição educativa onde também se encontra a Ana, uma irmã nossa, a Luísa sempre foi alvo do maior apoio e compreensão pelas exigências que as suas funções reclamavam, a tal ponto que achou estranha tanta amabilidade por parte da Ana. Procurou então saber o que estava por detrás de tão nobre atitude e descobriu a igreja da nossa irmã Ana, que está mesmo em frente da casa da Luísa. Começou a frequentar a igreja e a estudar a Bíblia e daí à decisão foi um passo.

Por fim, a experiência do casal Maravilha. É uma história incrível. O Antoino foi Pastor numa igreja Evangélica durante anos, mas ficou desiludido com as práticas dessa Denominação. Na sua sinceridade de servir o Senhor em toda a verdade, veio a encontrar a Igreja Adventista do Sétimo Dia. Ao estudar afinadamente a Bíblia, descobriu a verdade do Sábado e outras verdades doutrinárias, até que teve a iniciativa de procurar uma igreja Adventista do Sétimo Dia. Foi aí que, num Sábado de manhã, chegou, com a esposa, a Carregal do Sal, onde os irmãos os acolheram. Desde essa data não mais deixaram de frequentar a nossa igreja. Esclarecidas algumas dúvidas, sobretudo em relação à estrutura da Igreja e ao modo como ela é dirigida, decidiram-se pelo batismo. Esta história de conversão vem confirmar a veracidade do

alto pregão de Apocalipse 18:4: “Sai dela, povo meu.” O Senhor seja louvado!



Renovação e reabertura da igreja de Quarteira

1 DEZ 2020 HERNÁNI MOURA,
PASTOR DA IASD DE QUARTEIRA

Foi no dia 25 de janeiro de 2003 que foi inaugurada a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Quarteira, na rua Paul Harris, 322 A. Desde então, esta igreja tem sido o local de culto a Deus de muitos membros e amigos. A nossa pequena igreja também tem sido apreciada por irmãos e irmãs de todo o território nacional, que, em tempos de verão, de passagem por Quarteira, partilham connosco a mesma fé e a mesma esperança. Infelizmente, a Pandemia obrigou-nos a fechar portas, mas isso não tirou o ânimo e a esperança da igreja, tendo, sim, providenciado uma oportunidade para melhorarmos o nosso espaço. Neste sentido, aproveitou-se o fecho obrigatório da igreja para se realizarem melhorias. Depois de 17 anos sem sofrer grandes intervenções, a igreja de Quarteira reabriu as suas portas com um novo visual.

Foi no Sábado 26 de setembro de 2020 que uma parte dos membros pôde ter a alegria de ver sua querida igreja de Quarteira totalmente renovada e aberta para adoração ao Senhor.

Nem todos os membros puderam estar presentes no mesmo Sábado, por causa das contingências da Pandemia, porém todos tiveram oportunidade de conhecer o espaço nos Sábados seguintes.

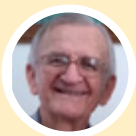
A igreja de Quarteira agradece aos membros e aos amigos pelo apoio para a realização das obras. Isto foi possível graças aos irmãos que se envolveram financeiramente no projeto e deram do seu próprio tempo e da sua capacidade de trabalho. A igreja de Quarteira também agradece à Administração da União pelo

apoio dado na proposta do projeto de melhorias para as obras. O nosso louvor e gratidão é principalmente para o nosso Deus, por nos ter dado o privilégio de ver a igreja renovada e aberta para o louvor do Seu santo nome.

A igreja de Quarteira foi reaberta, está renovada e deseja continuar a ser reavivada.

Assim, nós queremos continuar a ser uma casa de adoração a Deus, não só para os membros e amigos de Quarteira, mas para a Igreja nacional.

DESCANSOU NO SENHOR



Pr. Nelson Wolff

3 FEV 2021 | DOROTHY MAMEDE,
FILHA DO FALECIDO.

No dia 1 de janeiro de 2021, faleceu o Pr. Nelson Wolff, aos 86 anos, vítima de complicações da Covid-19, no Brasil. Deu início ao seu ministério no Brasil. Porém, na década de 1970, juntamente com a sua esposa, Isabel Arlete Ribeiro Wolff (mais conhecida como Betty, natural do Funchal, Ilha da Madeira), e três filhos pequenos, aceitou o chamado para trabalhar em Sá da Bandeira, Angola. Em seguida, trabalhou no Lobito, onde foram agraciados com o nascimento do seu filho mais novo. Depois de quase três anos, voltaram ao Brasil devido à guerra em Angola, mas o amor à missão permaneceu no coração de toda a família.

Durante a Pandemia, o seu ministério foi cantar e orar por telefone com amigos e familiares, animando-os com a letra do hino 382 do *Hinário Adventista*, "Não Ando Só". Deixou-nos um

legado sólido de mansidão, de amor e de esperança na Segunda Vinda de Jesus. Sobrevivem a esposa Isabel, quatro filhos e vários netos e bisnetos.

Maria Clara da Silva Ribeiro

14 JAN 2021 | LUCINDA FARIA, IASD DO PORTO.

Adormeceu no Senhor, no passado dia 20 de dezembro de 2020, a nossa irmã Maria Clara da Silva Ribeiro. A irmã Clara nasceu em 1942, em Arcozelo, Vila Nova de Gaia. Em 1952, os seus pais conheceram a mensagem Adventista, educando-a nos caminhos do Senhor. Foi batizada na igreja de Canelas pelo Pastor Samuel Reis. Foi uma mãe atenta e cuidadosa dos nossos irmãos na fé Jorge e Carlos Pereira. Uma Cristã que amava Jesus, fervorosa e reverente, humilde e doce, sempre pronta a ajudar o próximo e a conquistar o coração de todos os que tiveram a oportunidade de conviver com ela. Deixou-nos de coração partido, mas na esperança e na certeza do reencontro na ressurreição.

PROJETO **ESPERANÇA** 2021

O DESEJADO

VIVE | CHAMA | VOLTARÁ | NASCEU



3,50€
PACK

Envolve-se no Projeto "O Desejado" e apresente ao mundo o misericordioso Salvador, o terno e compassivo Amigo, o Companheiro constante, o Príncipe da Paz, o Rei vindouro, o "Escolhido entre milhares", Aquele que "é totalmente desejável" - JESUS.



3Ddiscípulo
Ven e Segue-me

